carioquice

publicação trimestral . ano II . n:7 . out/nov/dez 2005

E Deus criou a mangueira

Débito Automático. Faça e esqueça
os pagamentos por completo.
Ricardo Souza de
Oliveira, aluno da
Fundação Brades
Não se preocupe mais com suas contas que o Bradesco paga todas em dia, sem tarifa. Agende seus pagamentos pelo Internet Banking ou Fone Fácil Bradesco.
Bradescompleto
Para ajudar sua vida a ser mais completa.
Brad
www.bra

Esquina do Ricardo

Luzes da cidade

Os festejos de fim de ano reaquecem corações, propulsionam esperanças e fazem disparar previsões de todas as ordens.

E cabe fazer uma observação inicial: os festejos da virada do ano no Rio estão melhorando, sim. A começar pela festa de Copacabana, cuja maior virtude será não mais representar o único réveillon oficial da cidade. Ou seja: a prefeitura entendeu, finalmente, que a Avenida Atlântica não poderia transformar-se em megamafuá para abrigar a insensatez de dois milhões de pessoas, sem se proverem condições decentes de transportes e de serviços básicos (banheiros, segurança, algum conforto, etc). Agora, os *réveillons* alternativos já dão o ar de sua graça, a começar pelo crescimento da festa na Praia do Flamengo. Este representará a sinalização da velha tese de que as margens e águas da baía serão o local conveniente para o maior de todos os festejos. A que não faltará — vaticino — uma ponte Rio-Niterói devidamente paramentada de luzezinhas, foco naturalíssimo de uma superqueima de fogos à meia-noite. Não abro mão tampouco de antever os barcos (dos iates clubes) e os navios (os de guerra e os particulares) engalanados por luzes e adornos que respingarão esplendor no espelho-d'água, quase sempre apascentado da baía.

Outros lugares alternativos estão também sendo contemplados pela Prefeitura e pelo Estado do Rio para a festa da virada. Ao longo da orla, além de Ipanema, Barra e — é claro — na Lagoa Rodrigo de Freitas (ótimo lugar para a superfesta), estão sendo montados palcos para shows musicais. O que, de fato, aliviará a intolerável exclusividade da Avenida Atlântica, entupida de palcos — mafuás horrendos — que só fizeram tumultuar o território (sagrado) dos banhistas por anos a fio. E não só deles, mas também dos moradores da Avenida (que pagam altíssimos IPTUs) e dos turistas de hotéis internacionais (com o Copacabana Palace à frente).

Aliás, a propósito da bela árvore de Natal da Lagoa — hoje a maior festa de luzes com que conta a cidade e que é patrocinada pelo Bradesco Seguros no Rio (por que não citar as empresas que colaboram com a beleza das cidades?), é dever registrar a mais bela iluminação de Natal no interior fluminense, implantada no centro de Petrópolis. A catedral de estilo gótico parece flutuar de tão bela que fica à noite, evento que deu partida à iluminação das centenas de árvores centenárias no eixão histórico de Petrópolis. A cidade virou um presépio extasiante. Como poderia e deveria ficar o nosso Rio de São Sebastião cada vez mais e mais.

SUMÁRIO

CARIOQUICE

Nº 7 OUT/NOV/DEZ 2005

É som, é sal, é mar

4 Sua majestade, a verde e rosa

14 Em nome do pai, do filho e da música

20 O pensador do Rio

26 Pescador de pérolas

Magia do olhar

30 Lindo até debaixo d'água

Saga carioca

38 Uma rua chamada Alice

42 Poesia esculpida em pedra

Do bem comer e melhor beber

46 Feijoada, porque hoje é sábado!

Cidade maravilhosa

54 Copacabana, princesinha do bar

60 Geografia da cordialidade, por Antônio Agenor Barbosa

66 O turco com a cara do Rio

Causos & letras

74 Nunca fomos tão felizes, por Maria Lucia Dahl

80 Ventura carioca

86 Imagens de um amor eterno

Embaixador do Rio

92 A cidade vitrine do Brasil, por Olavo Monteiro de Carvalho

EXPEDIENTE

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITOR GERAL
Sérgio Costa

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPORTER
Kelly Nascimento

ARTE
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Rubens Sylvio Costa

CAPA
Foto de Adriana Lorete

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Amaro Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Chico Caruso
- Cícero Sandroni
- Eva Mariani
- Everardo Magalhães Castro
- Francis Hime
- Henrique Luz
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- João Maurício de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Jorge Goulart
- José Louzeiro
- Lan
- Lélia Coelho Frota
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Marcelo Carnaval
- Marcílio Marques Moreira
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga
- Oduvaldo de Azevedo Braga
- Olívia Hime
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Direito Menezes
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua Sete de Setembro, 71/14º andar · RJ ·
Cep 20050-005 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Sansão Alves dos Santos, 76/7º andar · Brooklin Novo · SP ·
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 4913-2131
email: clementeinsight@uol.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)

Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br

www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

Recicle esta idéia: que é descartável para uns gera trabalho e renda para outros.

o de Reciclagem
Açúcar - Unilever

10.000 toneladas de lixo reciclado em 4 anos.

Presentes em 101 lojas, as Estações de Reciclagem Pão de Açúcar Unilever recebem por mês 300 toneladas de materiais recicláveis trazidos por nossos consumidores. Uma iniciativa que, além de evitar que todo esse lixo vire poluição, gera 350 empregos diretos e indiretos e beneficia 17 cooperativas de catadores.
RECICLAGEM. UM PEQUENO GESTO POR UMA GRANDE CAUSA.

Rexona. OMO AdeS

Para mais informações
www.grupopaodeacucar.com.br/meioambiente

Iniciativa:
PãodeAçúcar
DO JEITO QUE VOCÊ QUER. DO JEITO QUE VOCÊ GOSTA.

Unilever

e Açúcar participantes no Rio de Janeiro: **BARRA** - Av. das Américas, 2.000 - **PARÓQUIA** - Av. Nossa Sra. de Copacabana, 493.

Sua majestade, a verde e rosa

por vera de souza

Quando D. Pedro II ofereceu ao Visconde de Niterói a colina de frondosas mangueiras, logo atrás do palácio imperial da Quinta da Boa Vista, não poderia imaginar que as terras de Francisco de Paula Negreiros Saião Lobato, nome de batismo do visconde, acabariam por se tornar reduto de uma outra nobreza, a da nação mangueirense. Quem diria que foi por obra e graça da realeza que pretos, mulatos e brancos fariam a terra tremer com o rufar dos seus tambores e o repicar dos tamborins. Olha a Mangueira aí, gente!

A principal rua, a Visconde de Niterói, onde hoje se encontra o Palácio do Samba, já abrigou as casas onde viveram Saturnino Gonçalves, Cartola e Carlos Cachaça, fundadores da escola. Mais adiante encontramos a Travessa Saião Lobato, a principal via e que leva ao Buraco Quente, o local de fundação da Estação Primeira de Mangueira.

Pouco habitado até meados do século XIX, o morro foi arrendado à viúva do Visconde pelo português Tomás Martins, em 1900. Martins era padrinho de um dos fundadores de Mangueira, o grande poeta Carlos Moreira de Castro, o Carlos Cachaça.

Naqueles anos, o perfil dos moradores do morro era o de pessoas que procuravam o local pelos baixos aluguéis e também pela excelente localização, também conhecido como a "Petrópolis dos Pobres". Eram, em sua maioria, descendentes de escravos, famílias recém-chegadas de outros estados, operários, os soldados que tiveram suas casas demolidas na Quinta da Boa Vista e os portugueses que engrossavam esse caldeirão cultural.

Na biografia de Carlos Cachaça, publicada pela Funarte, ele diria: "os portugueses eram a salvação do morro. Nas tendinhas vendiam duas batatas, uma cebola, um caneco de arroz, um dente de alho (...), porque comprar um quilo ninguém podia não. Pras viúvas, então, eles fiavam, davam tudo. Até amor e carinho".

Bem próximo, uma tradicional fábrica de chapéus garantia a maioria dos empregos. E ficou conhecida, claro, como a fábrica das mangueiras, para facilitar a localização. Um pouco mais tarde, em 1904, era fundada a Companhia Cerâmica Bra-

G. R. ESTAÇÃO PRIMEIRA E. S.
MANGUEIRA

sileira, próxima ao Buraco Quente. Seus funcionários eram quase todos do morro e tinham um motivo adicional de alegria, o time de futebol Esporte Clube Cerâmica, detentor de inúmeras vitórias.

Corriam os anos 1910 e o samba começou a se juntar às manifestações locais, como os cordões, o jongo, a folia-de-reis, mas ainda sem o prestígio de anos mais tarde. E escola de samba era algo que nem se pensava. A Mangueira, por sua vez, entre os anos 1910 e 1913 já despontava como pioneira no carnaval carioca. Lá já se podia encontrar dois aguerridos cordões: Guerreiros da Montanha e Trunfos da Mangueira, ambos com sede no Buraco Quente. Fazia parte uma comissão de frente de índios que carregavam bichos vivos, como lagartos, aves etc. Carlos Cachaça desfilava nos dois e saía vestido de Caboclo Caramuru. Ele conta que iam disputar nos bairros com os demais cordões, como o Flor de Benfica, os Destemidos do Caju e outros. "Os índios da comissão de frente de um cordão brigavam (mesmo!) com os do cordão rival. O pessoal se machucava. E quem ganhasse a briga era campeão."

Os cordões começaram a desaparecer e deram lugar aos ranchos: Pingo de Amor (perto do Derby Clube), Pérolas do Egito, na casa de Tia Fé, no Buraco Quente e outros. Tia Fé, aliás, dividia com Chiquinho Crioulo, Minan e Maria Rainha a atenção na prática dos cultos africanos.

Um grande aumento populacional aconteceu em 1916, com a chegada dos sobreviventes do incêndio que queimou todos os barracos do Morro de Santo Antônio, no Largo da Carioca, e criaram um "bairro", como são conhecidos os diversos núcleos habitacionais de Mangueira (Chalé, Faria, Santo Antônio, Candelária, Pedra, Pendura Saia, Vacaria e o famoso Buraco Quente).

Por volta de 1918, depois da gripe espanhola, que dizimou parte dos moradores, começaram a surgir os blocos. E o samba, como é conhecido hoje, surgiu nessa época. Um refrão simples e versos improvisados. O pioneiro, em Mangueira, a compor desta forma foi Carlos Cachaça. E foi Antonico, também do morro, quem criou a segunda no samba. O primeiro samba teria sido composto em 1923/1924 di-

Nelson Sargento

Dona Neuma cercada por crianças e jovens, que com ela aprendiam a ler e escrever, em foto de 1971

mensionava como era, então, a vida no morro. “Que harmonia lá em Mangueira/ Que dá prazer de se brincar/ O Laudelino no seu cavaco/ Fazendo coisas de admirar.

Foi nessa época, aliás, que de Laranjeiras para viver no morro aquele que seria o amigo de toda a vida e parceiro de Carlos Cachaça: Agenor de Oliveira, o Cartola. Os dois passaram a freqüentar todos os sambas de terreiro da época, não só em Mangueira, mas de outros redutos.

No final dos anos 1920, a Mangueira já era um celeiro de bambas. Carlos Cachaça, Cartola, Zé Espinguela, os irmãos Artur, Rubens, Antonico e Saturnino Gonçalves, mas não tinham vez nos blocos, pois eram farristas e brigões. Resolveram se juntar a mais alguns amigos, como Chico Porrão, Maçu, Fiúca, Homem Bom, e criaram seu próprio bloco, que pelo nome já dava a dimensão exata do que seria, Bloco dos Arengueiros. Desfilavam e brigavam na Praça Onze e arredores. Mas, confusões à parte, eram craques como compositores e letristas daquele novo tipo de música que ganhava adeptos e começava a ser gravado pelos cantores de rádio. E eles perceberam que tinham ali uma grande oportunidade.

Os rumos, então, mudaram. No ano seguinte, em 28 de abril de 1928, fundaram a Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira, na Travessa Saião Lobato, 21 — Buraco Quente. No dia da fundação, compareceram: Cartola (Agenor de Oliveira), Saturnino Gonçalves, Maçu (Marcelino José Claudino), Euclides Roberto dos Santos, Zé Espinguela (José Gomes da Costa), Pedro Caim e Abelardo da Bolinha. Uma ausência sentida, a de Carlos Cachaça. O *forfait* não era sem motivo. Era um dos poucos que tinha emprego fixo, como ferroviário. Isso não impediu que os amigos criassem diversas versões engraçadas para o fato. Uma delas dizia que Cachaça andava se enrabichando com uma moça lá de Inhaúma, Maria Aída, e que pouco parava no morro. Ela se tornaria, mais tarde, a primeira mulher do compositor. Mas naquele dia, ele estava mesmo era de serviço na Central.

O trabalho também impediu que Carlos Cachaça gravasse, em 1940, com o maestro Leopoldo Stokowski, quando veio ao país, dentro da políti-

Buraco quente

ca de boa vizinhança dos EUA, para gravar a autêntica música brasileira. Na época, Villa-Lobos havia selecionado músicos e composições que representavam o melhor de nossa música para ser mostrado ao mundo. Na lista estavam Donga, Pixinguinha, Luiz Americano, João da Baiana, David Nasser, Jararaca e Ratinho e muitos outros. As pastoras da Mangueira e os compositores gravaram entre outros, "Quem me vê sorrir", de Cartola e Carlos Cachaça. Foi a primeira vez que Cartola gravou um disco.

O nome e as cores de Mangueira foram dados por Cartola. Carioca de Laranjeiras, dizia que "Resolvi chamar de Estação Primeira porque era a primeira estação de trem da Central em que havia samba. As cores verde e rosa foram uma homenagem ao rancho de Laranjeiras, o Arrepiados, em que saía meu pai, Sebastião de Oliveira. Era o rancho dos funcionários da fábrica Aliança. O pessoal costuma dizer que as cores são por causa de um rancho que existiu em Mangueira, o Príncipe da Floresta, também verde e rosa, mas isso eu só vim a saber depois. Quando escolhi as cores da Estação Primeira eu nem sabia das cores desse rancho, que já tinha desaparecido há muito tempo".

No primeiro ano de seu desfile, os componentes ainda eram poucos, como explicaria Cartola: "Saímos com pouca gente, mas já representando o morro. Fomos lá disputar com o Estácio, com a Favela. Então eles viram a organização, o modo como mudamos da água para o vinho e foram se chegando e foram acabando os bloquinhos. E em 1931, Mestre Candinho e Tia Tomásia, foram praticamente todos para a Estação Primeira".

O ano de 1932 chega com várias novidades: o início dos desfiles oficiais das escolas de samba; a nova sede de Mangueira, na Rua Saião Lobato, 23; e a introdução, pela Estação Primeira, do mestre-sala e da porta-bandeira, importados dos ranchos. Foram dois casais a se apresentar: Maçu e Raimunda e Arlindo e Lina. Foi um sucesso e a Mangueira, campeã.

Naqueles anos os desfiles eram diferentes, e as escolas poderiam apresentar até três sambas. E a Mangueira veio com "Floresta", de Cartola e Carlos Cachaça e "Sorrindo" de Zé com Fome(mais tarde Zé da Zilda).

A paixão despertada pela verde e rosa se consolidaria em 1933, tanto para o público como para a imprensa. E a escola já era tricampeã. No entanto, o sabor da vitória só voltaria a ser provado em 1940, com o enredo "Prantos, pretos e poetas". A verde-e-rosa ainda experimentaria uma outra vitória nesse ano: o samba chegava à Zona Sul. Seus componentes, entre eles Dona Neuma e Cartola, participariam de um show no Cassino Atlântico, a convite de Sílvio Caldas.

O carnaval de 1935, o último na Praça Onze, tinha sido marcado pela dor. A escola preparara o enredo "O regresso de uma colheita na primavera" e os sambas "Meu ideal" (Carlos Cachaça e Cartola) e "Tragédia" (Cartola). Seria o primeiro ano que a escola não poderia contar com seu fundador e presidente, Saturnino Gonçalves, pai de

A casa de Alfredo Português, um fadista nascido em Lisboa, se tornou ponto de encontro dos sambistas. Com Nélson Sargento, produziria dois clássicos, o samba-enredo "Cântico à natureza" e o samba-resistência "Agoniza mas não morre".

Tia Menina (esposa de Cachaça), Dona Zica, Sebastião Oliveira (pai de Cartola), Carlos Cachaça e Cartola

Dona Neuma. Muito abatido pela tuberculose, no domingo do desfile, Saturnino pediu que os componentes se formassem à frente de sua casa. Cantaram sambas de Carlos Cachaça e a emoção fez com que ele desmaiasse. Toda a escola correu para socorrê-lo e ninguém saiu antes que ele recobrasse os sentidos. Dona Neuma costumava dizer que por isso a escola havia perdido o tetracampeonato. Chegaram atrasados ao desfile e naquele ano a Portela venceu.

A crescente importância da comunidade de Mangueira, em parte graças ao sucesso de sua escola de samba, rendeu em 1936 uma bela conquista, a da primeira escola de ensino fundamental, a Humberto de Campos. A iniciativa partiu do então prefeito do Distrito Federal, Pedro Ernesto, que no ano anterior já impedira que os moradores fossem despejados pelos herdeiros do Visconde de Niterói.

Em 1944 mais um dos seus fundadores morreria. Dessa vez, Zé Espinguela. Foi dele a iniciativa de promover competições entre os grupos carnavalescos, oferecendo um tema para que os compositores criassem de improviso, julgando e premiando os vencedores, O primeiro foi em 1929, em sua casa no Engenho de Dentro. Competiam Mangueira, Oswaldo Cruz e Estácio. Ganhou a Portela. José Gomes da Costa ou Zé Espinguela, como era conhecido, foi assessor informal de Villa-Lobos, outro freqüentador de Mangueira. Ajudou-o na formação do conjunto Sodade do Cordão, que relembrava os carnavais do início do século XX, com as danças dos velhos e cucumbis.

Sempre inovadora, em 1947 a Mangueira se superaria, trazendo duas grandes novidades: pela primeira vez uma escola apresentava um samba-enredo. Ou seja, um samba que contasse a mesma história escolhida pela escola como tema do desfile. Mais uma vez a dupla Carlos Cachaça e Cartola comporiam o samba, "Vale do São Francisco". A segunda novidade foi o som na rua.

Celeiro de bambas, como se sabe, ao naipe de grandes compositores veio se incorporar nada menos que um fadista nascido em Lisboa, Alfredo Lourenço, o Alfredo Português. Tendo chegado ao Brasil em 1930 logo sua casa iria se tornar ponto de encontro dos sambistas. Parceiro de Nelson Cavaquinho, Cartola e do afilhado Nelson Mattos, o Nélson Sargento. Com Nélson Sargento produziriam dois clássicos, o samba-enredo "Cântico à natureza" e samba-resistência "Agoniza mas não morre".

Mais uma vez Laranjeiras daria um grande nome para Mangueira: Osvaldo Vitalino de Oliveira, o Padeirinho, que chegou ao morro aos 12 anos e, além das mais de 300 composições, ainda foi um dos grandes renovadores do samba carioca. Nos anos 1960 fez o samba "Modificado", em que aponta como a bossa nova havia produzido mu-

Neide e Delegado em ensaio no morro

Jamelão no desfile da Mangueira na Rio Branco, em 1960

Preparo de feijoada para comemoração: comunidade unida

danças: "Vejo o samba tão modificado/Que eu também fui obrigado a fazer modificação/Já não se fala mais no sincopado/Desde quando o desafinado aqui teve grande aceitação/Até eu mesmo gostei daquilo/Modificando o estilo/Do meu samba tradição."

Com o crescente prestígio pela realização de grandes carnavais, nos anos 50 a modesta sede já não era suficiente. Em 1959, a escola passou a ensaiar na quadra de basquete do Esporte Clube Cerâmica para comportar não só a comunidade local como todo o público que vinha da Zona Sul.

Se a conquista de novos públicos lotava seus ensaios, nos anos 60 a Mangueira iria expandir mais os seus domínios. Alguns anos antes, Cartola estava afastado do morro e foi até dado até como morto. Na verdade, ele vivia na Baixada Fluminense e aos 43 anos se recuperava de uma meningite e da morte da mulher, Deolinda. Quem o levou de volta a Mangueira foi Carlos Cachaça. E nessa volta, um reencontro. Eusébia da Silva de Oliveira, a Dona Zica, que já o conhecia desde a infância, conseguiu para ela e o compositor um emprego como zeladores de um prédio no Centro do Rio. Cozinheira de mão cheia, Zica começou a fornecer marmitas para motoristas de ônibus e Cartola, passou a receber estudantes, músicos e intelectuais que iam até lá para ouvir seus sambas. Era a semente do Zicartola, misto de casa de samba e restaurante na Rua da Carioca, aberto com a ajuda de amigos. Nos quase dois anos de vida foi o mais importante espaço da música brasileira na cidade, onde se apresentaram Clementina de Jesus e Nelson Cavaquinho e foram lançados novos compositores como Paulinho da Viola. No palco, Cartola. Nos bastidores, Dona Zica.

Zica e Neuma transformaram suas casas na subida do morro em salas de recepção da escola e da comunidade. Neuma, nascida em 1922, já desfilava mesmo antes da criação da escola, no bloco do Mestre Candinho. Organizadora da ala das baianas na década de 60, anos mais tarde promoveria sua renovação, atraindo jovens para a ala, começando por suas netas. Em 2000, quando morreu, deixou a dinastia de sambistas da família Gonçalves representada pela filha Eli, a Chininha, vice-presidente da escola e responsável pelos projetos sociais. Eli lembraria que a mãe não obrigada os filhos a irem à missa, mas não abria mão da presença dos filhos nos ensaios da escola.

Histórias mais recentes dão a exata dimensão do espírito mangueirense. Uma delas em 1984, quando amargava um longo jejum de campeonatos, além de ter perdido vários de seus baluartes. No ano anterior tinha sido Mestre Waldomiro, que à frente da bateria há 51 anos, garantiu uma batida que reconhecia mesmo de olhos fechados. Sem recursos e competindo com a riqueza das concorrentes, investiu na emoção. Era o ano da inauguração do Sambódromo e a Mangueira veio com o enredo "Yes, nós temos Braguinha", desenvolvido por Max Lopes. Foi a última a desfilar na segunda-feira de Carnaval. Foi apoteótico. No final, ao invés de dispersar, voltou a desfilar em direção a Presidente Vargas, contrariando as normas. Os foliões aderiram e seguiram junto com a escola.

No ano seguinte, usando as ferramentas de suas concorrentes, como efeitos especiais e movimentos animatrônicos, foi para a avenida com o enredo que falava de Chiquinha Gonzaga. Resultado: sétimo lugar. E a lição de que a Mangueira é movida pela paixão. O poeta Carlos Drummond de Andrade, homenageado em 1987, daria uma definição perfeita em carta enviada à escola: "Sempre me habituei a ver na gloriosa Mangueira uma das forças mais representativas de nossa cultura popular. Por tradição, ela soube captar os sentimentos e aspirações de seu povo, transformando-os em matéria rica de criação artística, internacionalmente admirada".

A mais famosa ala de Compositores da Mangueira. Em pé, da esquerda para a direita: Quedinho, Alfredo Português, Nego, Geraldo da Pedra, Zé Ramos, Maçu, Cartola, Carlos Cachaça, Zagaia e Alfaiate. Sentados: Aluizio, Edson, Odaléa, Zeca e Baiano

O mangueirense é orgulhoso e gosta de ter a escola em suas mãos, por isso sempre rejeitou os patronos de ocasião. Mas manter essa independência teve um preço e a comunidade descobriu caminhos para garantir seu sustento. Aproveitando a lei de incentivo à cultura passou a comercializar sua marca. Em 1995 foi criado o movimento "Muda Mangueira", integrado por mangueirenses de berço ou adoção, e muitas boas iniciativas surgiram ou foram ampliadas a partir de então.

Os 35 mil habitantes de Mangueira hoje contam com a Vila Olímpica, o Grêmio Recreativo e Cultural Mangueira do Amanhã, o projeto "Dançando para não dançar" e muitos outros.

Em 1997 a comunidade mangueirense recebeu um grande afago quando Bill Clinton foi conhecer a Vila Olímpica. O então presidente norte-americano misturou-se aos atletas e sentiu-se "feliz como pinto no lixo", na definição de Jamelão.

A visita de Clinton, único compromisso no Brasil fora do roteiro oficial, foi uma confirmação que o projeto social da Mangueira. Tendo como parceiros a Xerox do Brasil, a Bolsa de Mercadorias & Futuros, Danneman-Siemsen, Cisper, BR Distribuidora, Brasilcap, Icatu, Losango, GSK – Bayer, UniverCidade, universidades Veiga de Almeida e Castelo Branco, além dos governos federal, estadual e municipal, não só a comunidade de Mangueira como mais de 150 mil pessoas já foram atendidas em 17 anos de projeto, que compreende um projeto de educação, esporte, saúde e cidadania.

Enquanto no atletismo formam-se sucessores para esportistas consagrados, na escola de samba mirim surgem os herdeiros de Maçu e Delegado, Neide e Mocinha, sementes de novos frutos dessa frondosa Mangueira ou como diria Cartola em seus versos: "Só me fascina você/ Mangueira/ Guerreei na juventude/ Fiz por você o que pude/ Mangueira/ Continuam nossas lutas/ Podam-se os galhos, colhem-se as frutas/ E, outra vez se semeia/ E no fim desse labor/ Surge outro compositor/ Com o mesmo sangue na veia" (Fiz tudo por você).

"Com cinco anos eu botava o rádio para tocar, pegava o cabo de vassoura, dava o braço para minha irmã Ivete, e imitava meu ídolo, o mestre-sala Jorge Rasgado"

Delegado e suas cabrochas

A figura mítica não passa despercebida ao desfilar com seu chapéu panamá ornamentado em verde e rosa, quando entra majestoso na quadra da escola. Impossível imaginar um sábado à noite sem a sua presença elegante – 60 quilos distribuídos por dois metros de altura – e ritmada, comandando as passistas ao som do apito. Um Fred Astaire de ébano com sua ginga cadenciada.

Hésio Laurindo da Silva, o Delegado, nasceu há 84 anos no morro de Santo Antonio, que faz parte do complexo da Mangueira. Um dos nove filhos de família muito pobre, ainda criança ajudava no sustento da casa vendendo jornais e garrafas. Aos cinco anos de idade, talvez pelos passos gingados que já exibia, se destacava nas peladas de rua e passou a fazer parte do time semi-profissional do Esporte Clube Cerâmica.

"Era o time da Companhia Cerâmica Brasileira. Eu era *center-four* (centroavante) e ganhávamos todas. Era igual à Mangueira, não perdia pra ninguém". Em um jogo contra o Fluminense, Hésio marcou quatro gols. O técnico do tricolor queria, mas não pôde contratá-lo como profissional, por ser negro. O futebol perdeu um craque, mas o samba ganhou o samba um às da dança.

A vocação já estava no sangue. Seu pai, exímio dançarino de gafieira e a mãe uma verdadeira pé-de-valsa, foram os melhores exemplos. "Com cinco anos eu ia ver o mestre-sala Jorge Rasgado dançando, depois chegava em casa, botava o rádio para tocar, pegava o cabo de vassoura, dava o braço para minha irmã Ivete, e começava a imitar meu ídolo. Já criando maldade, né?".

Delegado fazia parte de um bloco, o Unidos da Mangueira. Depois de criada a Estação Primeira de Mangueira, ele passou a ocupar cada vez mais postos na escola. Primeiro tocando surdo, até chegar a presidente da bateria, da harmonia e, por fim de todas as alas. Mais uma vez o campo do Cerâmica seria palco de uma disputa. Agora para a escolha de mestre-sala. O embate era entre Delegado e Arildo. "Foi um sofrimento. Me empenhei, mas venci", relembra.

Começou, então, seu longo reinado. O sucesso de suas performances também se deviam às parcerias perfeitas com as porta-bandeiras: Nininha, Neide e Mocinha. Com elas dividiu suas glórias e suas nota 10 – aliás, recorde absoluto, recebeu 36 vezes a nota máxima na passarela.

Em 1960, quando evoluía com Neide em frente ao júri, a bandeira de Neide derrubou a peruca de Delegado. Não se abalou, continuou dançando em torno dela e, com seus malabarismos mais característicos, curvou-se de costas com as pernas abertas até tocar a cabeça no chão e recuperar a peruca. Recebeu a nota 10.

Mas porque Delegado? Ele conta que nunca foi policial, e o que "prendia" mesmo era as meninas. "Quando tinha uns 19 anos, conhecia muitas meninas e os rapazes perguntavam como vivia cercado por elas, como fazia para elas gostarem de mim", diz rindo um eterno sedutor que tem quatro filhos reconhecidos, de quatro mulheres diferentes.

A vida de dançarino não ficou restrita à avenida. Nos anos gloriosos do teatro de revista se apresentou na companhia de Carlos Machado no Cassino da Urca, no Night and Day, ao lado de nomes como Grande Otelo, as irmãs Marinho, Ary Barroso, Monsueto, Ataulfo Alves e muitos outros. "Corri o mundo com o Carlos Machado e depois com a própria Mangueira. Tinha meu próprio show, o 'Delegado e suas Cabrochas'".

Delegado lembra de bons momentos na Praça Onze (onde começou) na Avenida Presidente Vargas e, principalmente, dos desfiles na Avenida Rio Branco. "Lá era um carnaval que você podia levar toda a família, hoje é tudo muito caro. Além disso, a gente passava e a família e os amigos gritavam nosso nome", diz ele, apontando como o melhor carnaval da Mangueira o que homenageou Braguinha, em 1984.

Hoje integrante da Velha Guarda, Delegado se ocupa em ensinar as crianças do projeto "Mangueira do Amanhã", formando novos mestre-salas e porta-bandeiras. Às vezes pode ser encontrado num boteco do Buraco Quente saboreando uma cerveja gelada.

Mas nos fins de semana está na quadra comandando as passistas, impondo respeito do alto de seus quase dois metros, envergando uma elegante roupa branca, apito a boca e o panamá cuidadosamente colocado sobre a cabeça com as cores verde e rosa. Abram alas que Delegado vai passar...

Em nome do pai, do filho e da música

por Kelly Nascimento

Filho de peixe que nasce no Rio já vem ao mundo com distinção. Se for músico então... Da MPB ao samba, do forró à música clássica, todos nadam com desenvoltura pelas águas rítmicas da Cidade de São Sebastião. A dinastia de Baden Powell, Lenine, Monarco e Martinho da Vila segue pedindo passagem e perpetuando sua herança de lindas canções.

O pai bem que tentou. E o filho até cursou faculdade de jornalismo. A música, no entanto, acabou falando mais alto. Essa história quem conta é João Cavalcanti. "Meu pai tentou me dissuadir da idéia de uma carreira musical, pela batalha que é viver de música. Uma luta que eu acompanhei de perto. Ficou feliz quando eu decidi ser jornalista", conta o filho de Lenine. Mas foi na época em que entrou para a PUC que ele começou a seguir o compasso da música. "Era o ápice da onda de forró, um amigo me chamou pra formar uma banda. Criamos a Roda Gente", lembra o garoto, que desde pequeno fazia parte de coros infantis e era presença garantida nos álbuns do rei Roberto Carlos. "Sempre cantei bem e meu pai acabava me colocando nessas oportunidades", lembra.

Do forró do Roda Gente ao samba do Casuarina não demoraria muito. "O forró foi bacana enquanto ponte da juventude com a música brasileira. Através disso fui me aprofundando na musica brasileira. O samba é a minha casa, e eu descobri tardiamente". Nessa já se vão quatro anos do grupo, que lança o primeiro álbum com composições inéditas pela gravadora Biscoito Fino entre dezembro e janeiro próximos.

A opção pelo samba acaba não associando o trabalho do grupo ao pai de João. "Por mais que ele domine a linguagem desse ritmo — como fica claro no trabalho com o bloco Suvaco de Cristo — ele não é associado ao samba de imediato. Ele é pop contemporâneo e a influência acaba não ficando explícita no Casuarina", explica. Influência simples e discreta assim? Nada disso. "Meu pai está entre os cinco músicos brasileiros que mais ouço e mais admiro", diz, complementando que é seu trabalho solo — iniciado há sete meses — que revela as semelhanças. A minha voz lembra muito do meu pai. Isso é genético: o timbre, a impostação. E meu trabalho solo também é mais pop: são duas guitarras e composições

João Cavalcanti

minhas. Ah, herdei também a admiração por Jackson do Pandeiro", brinca.

O processo de composição também pode ser outro ponto em comum e revelar aptidão para seguir os caminhos da crônica sonora — ofício em que o pai se firmou como primoroso artífice. "Achava minhas letras prolixas. Agora está começando a vir naturalmente. Criei uma rotina de criação. Isso no futuro pode render uma parceria legal entre mim e meu pai", ele mesmo aponta.

Para Marcel Powell a música também nunca foi mero acaso. O filho de Baden cresceu ouvindo música. "Meu pai sempre colocava para a gente dormir." Hoje ele divide o sítio onde mora no Itanhagá com muitas histórias de sua formação musical. No varandão, as rodas de choro comandadas pelo pai. Trilha sonora da infância. É olhar para um canto e lembrar do tempo em que era aprendiz aplicado das lições do mestre Baden. As notas musicais ali sempre estiveram longe do papel de coadjuvante.

Talvez por ter nascido em um ambiente como esse, Marcel se extravasa em orgulho para contar do seu mais recente feito: o primeiro disco individual no Brasil — o "Aperto de Mão" (Rob-

digital). “Tinha um lançado no Japão, com vários convidados, mas esse tem mais a ver comigo: pude acompanhar cada detalhe, cada etapa. Sou só eu e o violão”, explica. Ao instrumento ele dedica toda a devoção aprendida com o pai. “É minha esposa, um casamento que não vai acabar nunca.”

As coincidências não param por aí. Assim como Baden, a história musical de Marcel começa com o violino — que acaba sendo trocando por um violão. ”Meu primeiro contato direto com a música foi aos 4 anos, quando comecei a tocar violino na Alemanha, país onde morava à época. Aos 9, resolvi me dedicar ao violão. Meu irmão já tocava piano, escreveu as cifras e colocou acordes na partitura”, recorda. Ensaiou “Yesterday” (Beatles) e mostraram para o pai.

Baden viu que a insistência era grande e se encarregou ele mesmo do ensino. “Tenho sim facilidade, mas é preciso estudar muito. Ser escravo do instrumento de verdade. Eu tinha aulas o dia inteiro, só parava para comer”, diz, para ressaltar em seguida que herdou a disciplina de Baden.

Um aprendizado para a vida toda: hoje ele estuda entre seis e oito horas por dia. “Mas tem dia que você não tem que tocar no instrumento, tem que deixá-lo quieto, respirar”, ensina outra lição preciosa.

A influência está até no título do novo álbum. “Aperto de Mão” é uma música do Mera, que foi professor de violão do pai. Também uma forma de homenagear as origens. “Apesar de, ao tocar, eu procurar uma identidade própria, as pessoas conseguem perceber claramente as semelhanças”, ele dá a pista. Mas nem tudo é analogia entre pai e filho. “Nossa grande diferença é que meu pai conseguiu reunir duas qualidades: ser um excelente instrumentista e um grande compositor. Ele dizia que o grande compositor

Marcel Powell

nunca morre, o instrumentista sim. Tenho todo o lado dele de tocar, que ele me ensinou. Mas composição não se ensina", diz o modesto aprendiz.

E enquanto uns herdaram o dom paterno, para outros, a inspiração vem mais de longe. É o caso de Juliana Diniz, que tem Monarco como avô, é filha de Mauro Diniz e afilhada de Zeca Pagodinho. "Comecei a gostar de musica pela minha família mesmo. Todo mundo em volta, me ensinando desde cedo", diz a nova voz do samba, que começou cantar aos 5 anos.

Abençoada pela Santíssima Trindade do samba, Juliana sabe que não tem nada de aleatório no rumo que sua vida tomou. "Gosto de música em geral. O samba foi uma conseqüência, não foi acaso. Cresci ouvindo samba, cantado pela minha família. Não tinha como não gostar." Mas ela acabou sendo descoberta por uma gravadora quando nem esperava. "Era aniversário do tio Zeca, eu cantava "Para ver as meninas" (Paulinho da Viola). Um diretor da gravadora Universal viu e gostou". Saiu da festa com uma proposta para gravar seu primeiro álbum — "Juliana Diniz" — produzido por Rildo Hora e Zeca Pagodinho.

Na hora de escolher o repertório, a ajuda do pai e do padrinho foi valiosa. "Eles diziam: essa você vai se sentir bem cantando. Minha preocupação era que o resultado saísse um samba romântico. Esse era o foco que eu queria dar", conta, revelando traços de sua personalidade que emprestou ao álbum. O aprendizado vai bem além do estúdio. "Eles me ensinaram que é preciso ter tranqüilidade, humildade e pé no chão. Estou seguindo o caminho certo por causa deles".

Mas nem sempre o talento para o samba é transmitido geneticamente. É o caso da filha de Martinho da Vila, Maíra Freitas. Nunca quis saber de batuque: desde os 9 anos estuda piano. "Aos 12 entrei para o Conservatório Brasileiro de Música. Vi que podia levar a sério e seguir carreira. Hoje já não me vejo fazendo outra coi-

"O samba foi uma conseqüência, não foi acaso. Cresci ouvindo samba, cantado pela minha família. Não tinha como não gostar"

Juliana Diniz

Neta de Monarco, filha de Mauro Diniz
e afilhada de Zeca Pagodinho

Maíra Freitas

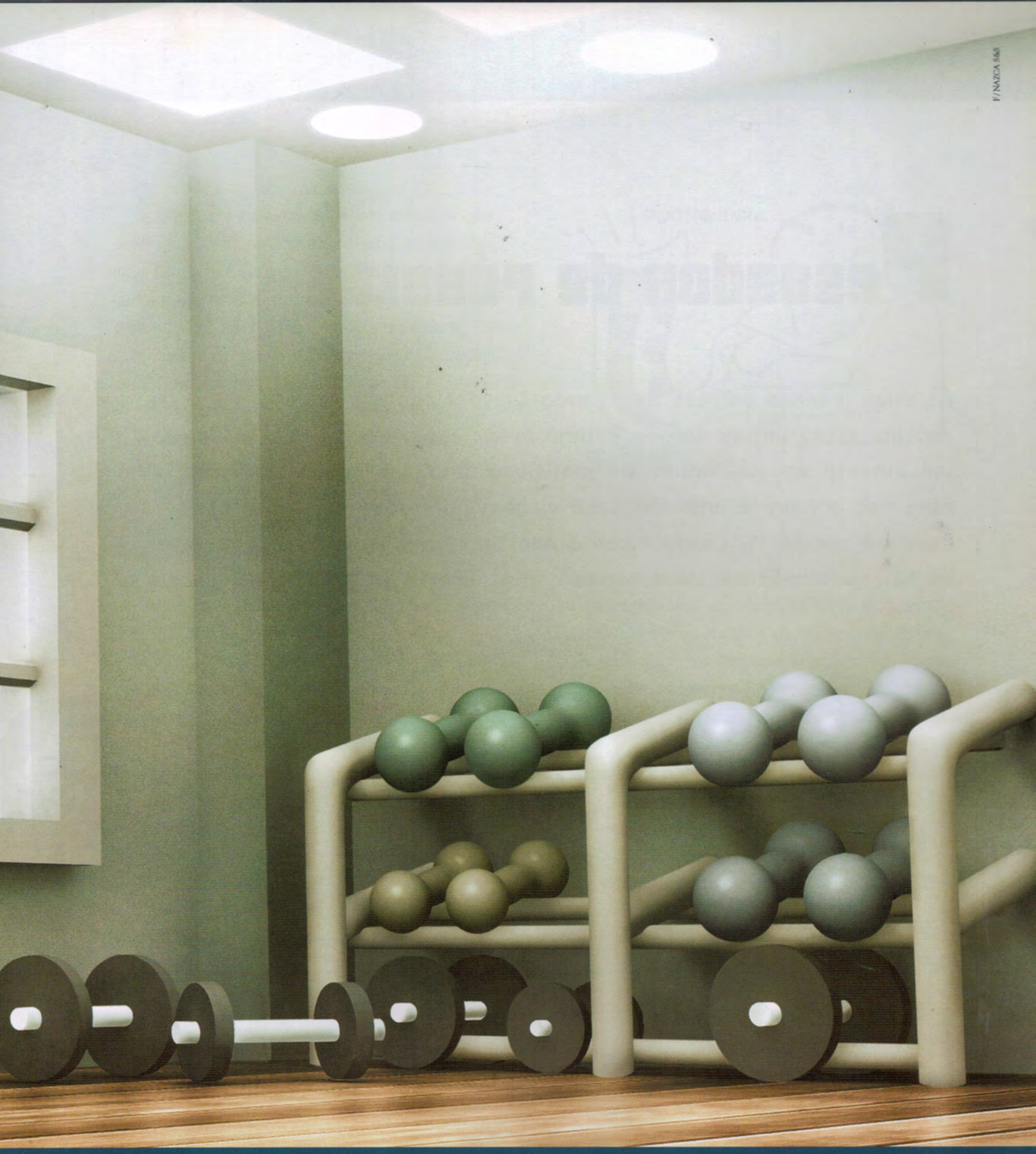
sa. Não consigo pensar em mais nada que eu queira fazer", explica, evidenciando sua paixão pelo instrumento.

Mas por que ela foi escolher a música clássica? "Não sei explicar. Por que alguém gosta de bolo de chocolate?", devolve. "Sei que viver do piano no Brasil é mais difícil, mas não é impossível trabalhar com música clássica". E a influência paterna, onde fica? "Posso acreditar mais na minha profissão porque minha família inteira trabalha com música. E tenho bastante facilidade em aprender". E como ninguém escapa à tradição do samba, é comum Maíra começar a noite num concerto no Theatro Municipal e acabar caindo no samba no Clube dos Democráticos, na Lapa.

Para os filhos de peixe, a tradição é sempre bem-vinda. "O fato de eu ser filho do Lenine já até me preocupou. Hoje não estou nem aí. Até poderia ter me rendido a algumas sessões de psicanálise, mas consegui resolver bem", brinca João. A afilhada de Zeca Pagodinho é mais ponderada. "A herança ajuda muito, mas às vezes atrapalha: ou o pessoal compara muito ou fica numa superproteção por eu ser neta do Monarco. Mas eles me levaram até onde puderam. A partir daí é comigo". Oxalá.

Você já suou muito pelo seu dinhe

Não existe lugar melhor do que o Unibanco para movimentar o seu dinheiro. Aqui você entend
aplicação. Por isso, no lugar de surpresas, aparecem sempre os melhores resultados. Não é exat



que agora ele faça o mesmo por você.

stindo e sabe o que esperar de cada
e você espera de um investimento?

UNIBANCO
Nem parece banco.

O pensador do Rio

"Ih! Onde está a Pedra da Gávea?", questiona Tom em pleno dia chuvoso em São Conrado, bairro com que mais se identifica hoje seu pai – Gabriel, o Pensador. Seria a introdução para um papo em que a proposta era conduzir o pensamento do *rapper* a um mergulho na cidade que "rima coisa ruim com coisa boa", como ele mesmo definiu. E a Pedra da Gávea? "Tá vestida de fantasma", Tom mesmo responde, fazendo alusão às nuvens que gentilmente bailavam ao redor do maciço. E foi harmonizando fantasmas, belezas, problemas e esperanças que o Pensador falou à Carioquice sobre o Rio.

Gabriel é assim: fala dos pontos da cidade com a familiaridade de quem já a cortou de norte a sul, percorrendo livremente cada uma de suas vielas. O Rio da Bossa e do Posto Nove, homenageado no mais recente álbum do cantor — "Cavaleiro Andante (Sony/BMG) — na canção "Bossa 9". "Essa compus em Nova Iorque, quando eu estava com saudades do Rio. Foi um momento legal porque parecia mesmo que eu conversava com Tom e Vinícius. Fui lembrando dos lugares, mas também me deu tristeza. Porque falar do Rio hoje é uma mistura de amor e vergonha, por tanta coisa ruim que vemos por ai", explica.

Essa mistura, com um quê melancólico, às vezes o leva a pensar em mudar da cidade. "Isso se as coisas continuarem piorando. Mas não desisto, ainda dá para ver as coisas melhora-

"O que o Rio tem de melhor que as outras cidades é essa proximidade de setores sociais diferentes: é a favela dentro das áreas mais nobres. E é muito menos hipócrita que São Paulo e Brasília, onde a periferia fica afastada"

rem". É uma espécie de tristeza revoltada a de Gabriel. Porque para dizer do que gosta na cidade lembra dos lugares e, automaticamente, dos problemas. "Uma das coisas que me revoltaram ultimamente foi a obra antipoluição em São Conrado, que foi um desvio do esgoto. Gastaram R$ 14 milhões para jogar esgoto no Costão, onde a gente surfa", indigna-se. É um olho na rima, outro na política. "Um dos problemas daqui é que estamos nas mãos dos políticos, que às vezes se motivam pelo voto, não pelas necessidades do Rio."

Mas ainda tem coisa boa? "Tem muita gente batalhadora, que acredita em valores e que vão passando isso de pai para filho. Gente que consegue buscar novos caminhos", responde ele, lembrando do tempo em que ele ainda nem sonhava em ser o Pensador. O fato de morar em São Conrado, naquela época, permitia ter contato direto com os vizinhos da Rocinha. Desse tempo ele guarda na lembrança amigos, boas histórias e a visão da favela como resultado de uma combinação única de riqueza cultural e nobreza de espírito. "O que o Rio tem de melhor que as outras cidades é essa proximidade de setores sociais diferentes: é a favela dentro das áreas mais nobres. E é muito menos hipócrita que São Paulo e Brasília, onde a periferia fica afastada. Isso separa ainda mais as pessoas. Criar muros, afastar é pior. O ódio é maior, fica difícil resolver desta forma".

Palavra de quem aprendeu muito nas favelas cariocas. "Coisas que o dinheiro não compra", ele gosta de ressaltar. Na cabeça do Pensador, ficou registrado um tempo em que parecia ser mais fácil conhecer o outro lado, quando o preconceito era menor em torno de tudo. "Aos 12, eu e minha mãe morávamos numa casa grande na Avenida Niemeyer. Eu levava meus amigos da Rocinha para dormir lá, eu também subia o morro e dormia na casa deles.

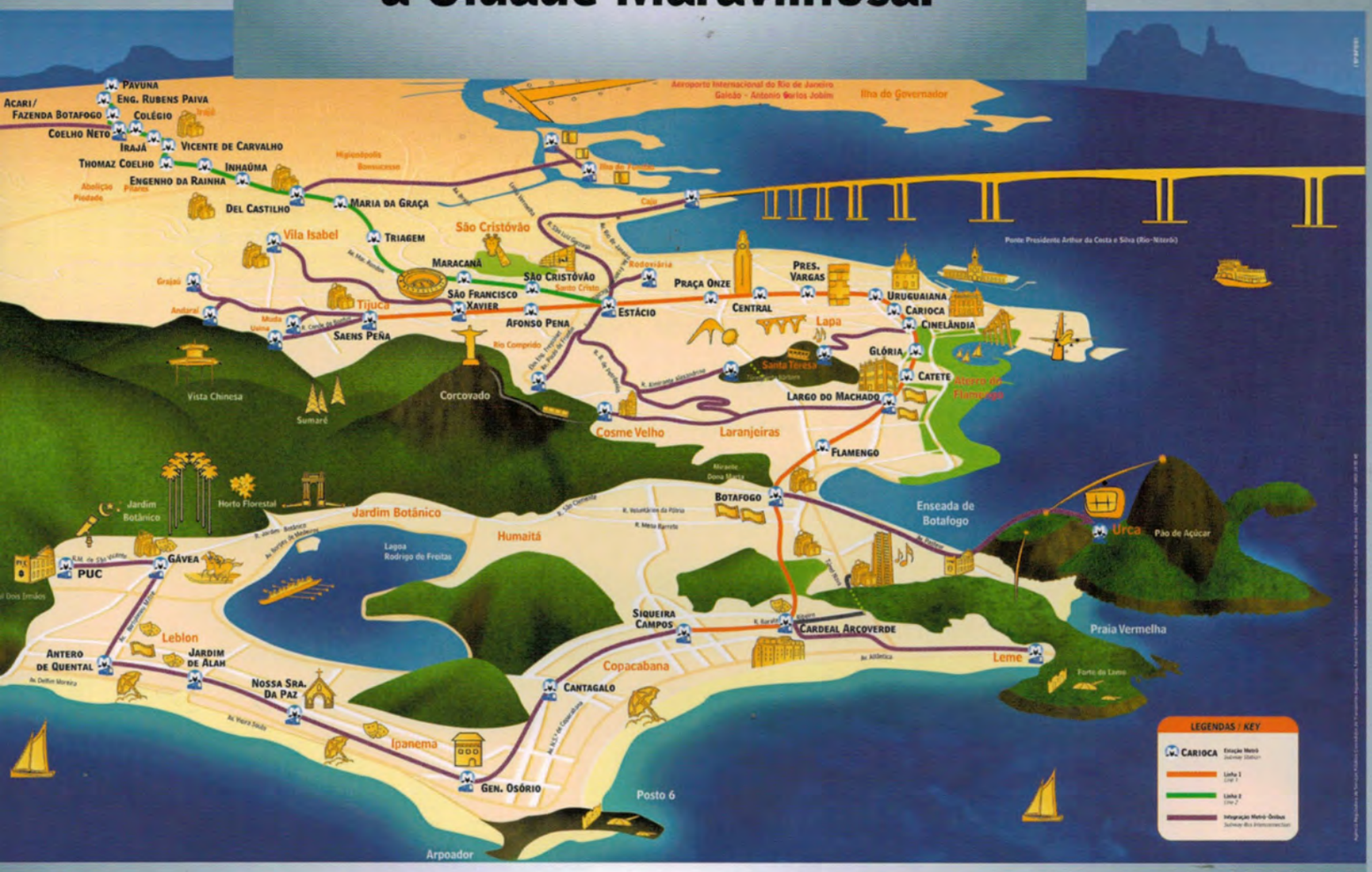
Não sei se era mais calmo, mas eu subia a Rocinha e andava tranqüilo pelas ruas. Hoje vejo muito preconceito – dos dois lados. Mas se você olhar vai ver que os problemas de todo mundo são muito parecidos", arrisca o carioca que vem decifrando a cidade em letras como "Rap do 175" e "Cantão".

Nesses 31 anos de andanças pensantes pela cidade, a praia surgiu com um outro exemplo dessa convivência harmônica que Gabriel tanto preza. "A praia democrática ficou na minha cabeça. É um pequeno exemplo do que podemos ser", aposta. "O carioca consegue aproveitar o que a cidade tem de bom, apesar da violência. Ainda temos a praia e esse jeitão mais largado. Isso combina com minha alma e não existe em outros lugares."

E algumas partes do Rio combinam mais com a alma de Gabriel. "Tem alguns lugares que amo, como São Conrado. O Maracanã também. É um dos locais em que me sinto bem. Isso é marcante na minha memória. Mas nem tenho ido muito, já que meu time não anda bem", desabafa o coração flamenguista. E hoje o grande prazer que a cidade proporciona a Gabriel é a possibilidade de ir apresentando aos filhos Tom, 3 anos e David, de 7 meses, cada um desses cantinhos especiais e únicos. "Tom adora as belezas naturais do Rio. Ele consegue reconhecer vários morros: Corcovado, Pão de Açúcar, o Dois Irmãos, a Pedra da Gávea...", vai enumerando orgulhoso, enquanto Tom vai se distraindo com a Pedra da Gávea envolvida por névoas.

Gabriel também adora ciceronear amigos de fora. "Nos olhos dos gringos, dá para ver como a cidade é ainda mais bonita. É um motivo a mais para cuidar daqui, exigir mais das autoridades. A gente sabe o quanto tem de potencial e como isso é mal aproveitado." Da conversa, além de críticas e boas lembranças, uma certeza: "o Rio não é uma cidade qualquer", sintetiza. Não é mesmo.

Metrô-Ônibus. Integrando a Cidade Maravilhosa.



Estação Cardeal Arcoverde
214A - Leme

Estação Botafogo
214A - Urca

Estação Del Castilho
406A / 634A - Fundão

Estação Largo do Machado
422A / 584A - Laranjeiras e Cosme Velho
406A - Rodoviária
407A - Silvestre

Estação Cinelândia
214A - Santa Teresa (Curvelo, Largo dos Guimarães e Largo das Neves)

Estação São Francisco Xavier
222A - Vila Isabel

Estação Estácio
401A / 401B - Rio Comprido
406A - Rodoviária
209A - Caju e bairro de São Cristovão

Estação Saens Peña
413A - Muda
220A - Usina
226A - Grajaú
217A - Andaraí

METRÔNIBUS 1 ANO de pioneirismo

Integração Metrô-Ônibus. 1 ano de sucesso, economia e pioneirismo.

Com a Integração Metrô-Ônibus a cidade do Rio está interligada e os bairros mais próximos. A Integração custa R$ 2,25 e pode-se pegar o metrô e o ônibus com o mesmo bilhete, no caso o bilhete "Expresso" ou usar o vale transporte eletrônico, para quaisquer uma das 14 integrações da Zona Norte e da Zona Sul. E, além dessa facilidade, usar a Integração Metrô-Ônibus significa uma economia real de cerca de R$ 90,00 por mês para o cliente, que é quase 1/3 do salário mínimo. E em 1 ano, essa economia chega a R$1 mil. Por isso, desde que foi lançada, a Integração Metrô-Ônibus tem tido cada vez mais adeptos. Comodidade, tranquilidade e praticidade é o que o carioca passou a dispôr desde o início da Integração Metrô-Ônibus. Mais que o Metrô Rio e a Rio Ônibus, quem comemora esse 1 ano de sucesso é o carioca, é o cidadão, é você.

RÔ RIO
595 1111

RIO ÔNIBUS
0800 595 2000

Agência Reguladora de Serviços Públicos Concedidos de Transportes Aquaviários, Ferroviários e Metroviários e de Rodovias do Estado do Rio de Janeiro - AGETRANSP - 0800 249040.

Pescador de pérolas

As duas grandes paixões de Ricardo Cravo Albin, a música e o Rio de Janeiro, estão juntas no seu sétimo livro, "Tons e Sons do Rio", com lançamento em dezembro. Do malicioso lundu ao contestador rap, a obra nos conduz a uma deliciosa viagem por todos os ritmos cariocas desde o século 19. Como Ricardo não brinca em serviço, acompanham os textos belíssimas fotos tendo como cenário a Cidade Maravilhosa.

Traduzir em palavras as cores e ritmos que definem a alma carioca não é uma missão das mais fáceis. No entanto, o fundador do Instituto Cultural Cravo Albin levou apenas quatro meses para concluir a obra. Para explicar a façanha, Ricardo gosta de contar a história de um *réveillon* passado ao lado de Carlos Scliar e Tônia Carreiro. "Scliar contava que terminara uma tela em menos de uma hora. Quando deu o preço, alguém questionou o valor alto em face do tempo investido. O artista respondeu que seu trabalho não era resultado daqueles minutos, mas de anos e anos de estudo. Comigo também é assim", explica. Dentro desse raciocínio, os quatro meses se multiplicariam em 40 anos, tempo que ele vem dedicado à música.

A motivação para tal trabalho, além do amor pela cultura do Rio, é a arrecadação de fundos para o ICCA. "É mais uma doação minha para o Instituto, dando continuidade à missão de preservar a memória musical do Brasil. Esta verba vai para o orçamento de 2006", diz ele, ressaltando que a obra não recebeu incentivo da Lei Rouanet. Os parceiros nessa empreitada foram a El Paso e o Sesc-Rio.

"A meu ver, a história da música popular nasce no exato momento em que, numa senzala negra qualquer, os índios (quem sabe se os mesmos registrados por Jean de Léry, que os viu cantando dentro da Baía da Guanabara ao tempo da França Antártica de Villegaignon), começam a acompanhar as palmas dos negros cativos enquanto os colonizadores brancos se deixam envolver pela magia do cântico das negras de formas curvilíneas", conta Cravo Albin logo no começo da obra.

Charge de Pixinguinha feita por Nássara

Mera introdução para um roteiro mais audacioso, onde a música popular é apresentada através de um passeio pela própria história do país. O percurso proposto ao leitor obedece à seguinte trajetória: do período colonial, o lundu; o Im-

Muito mais do que uma narrativa convencional sobre a música, o trabalho é enriquecido por um panorama histórico que explica cada fase sonora

"Tons e Sons do Rio" é inspirado na Sinfonia do Rio de Janeiro de São Sebastião, espetáculo apresentado em 2000 no Theatro Municipal do Rio de Janeiro

pério está representado pela modinha; o choro e a Belle Époque tem início na Primeira República; o nascimento do samba; os áureos anos 30; a dor-de-cotovelo do pós-guerra; a euforia do carnaval; a batida diferente da Bossa Nova; a volta do samba nos anos 70; a música de protesto no período da ditadura e por fim a alegria dos festivais e movimentos contemporâneos como rap e funk.

Em sua trajetória, a música popular do Rio de Janeiro precisou de uma boa dose de criatividade e talento para driblar preconceitos e alguns narizes torcidos para o que não se inseria como "cultura oficial". Um dos casos citados no livro mostra como a então primeira-dama Nair de Teffé — casada com o presidente Marechal Hermes da Fonseca — enfrentou o senso comum vigente na maior parte da elite da época e abriu o Palácio do Catete para polêmicos saraus de música popular.

Chico Buarque, Tom Jobim, Cynara e Cybele na apresentação de "Sabiá"

Mais do que uma narrativa linear sobre a música, o trabalho é enriquecido por um panorama histórico que explica cada fase sonora. "Tons e Sons do Rio" é inspirado na Sinfonia do Rio de Janeiro de São Sebastião, espetáculo apresentado em 2000 no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Idealizada por Cravo Albin e com música de Francis Hime e poesia de Geraldo Carneiro e Paulo César Pinheiro, foi lançada em CD e DVD pela gravadora Biscoito Fino. "O livro é o roteiro que imaginei para a Sinfonia do Rio", sintetiza o autor.

Daí a idéia de um mimo: cada exemplar acompanha um CD da Sinfonia do Rio. Fartamente ilustrada, a obra tem prefácio da escritora Lélia Coelho Frota e da empresária Vivi Nabuco, da editora Bem-Te-Vi. E a tiragem inicial de dois mil exemplares já tem destino certo: parte será distribuída aos patrocinadores; parte vendida pelo ICCA. Iguaria para poucos.

Talvez, ele já tenha feito você se apaixonar pela pessoa errada. Ou quem sabe engatou a paixão certa.
Quando você está com pressa, ele acelera, mas quando você acha que ele vai fugir pela boca, ele continua ali, companheiro inseparável.
Para salvar sua vida, até aceita outro em seu posto. Mas não há dúvidas, é no seu peito que ele gosta de trabalhar.
O Coração, seu melhor amigo, fica do lado esquerdo do peito.
Guide bem dele. E conte com a ajuda da ONG AVida, instituição sem fins lucrativos que ajuda a prevenir as doenças do coração.
AVIDA
ASSOCIAÇÃO DE VOLUNTÁRIOS DA FUNDAÇÃO ADIB JATENE
: (011) 5085 4192 ou 5539 4833 • www.avidapazzanese.com.br
primebrasil

Lindo até debaixo d'água

fotos MARCELO CARNAVAL

Abençoada é a cidade que converte o choro celestial em promessa de vida para toda essa gente privilegiada pela bênção diária do Cristo Redentor. São águas que lavam a alma, trazem de volta amores perdidos e antecipam os desejos salientes de um verão abrasador. Chove lá fora e aqui, no Rio, tá tudo sempre lindo.

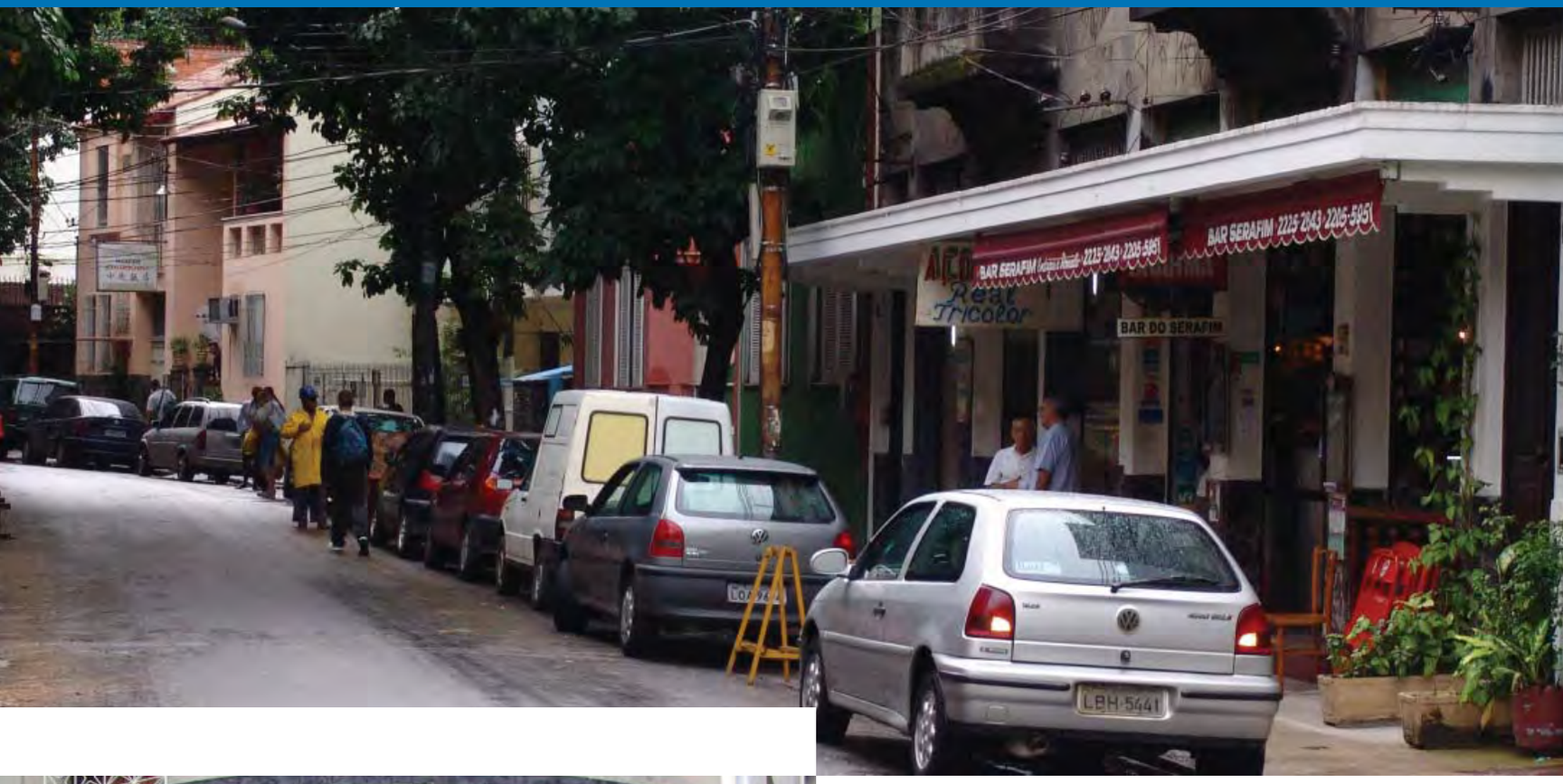
LOA-5966
Palio
LOA-0961

Uma rua chamada Alice

Feminina, sinuosa, curvilínea, com bordéis cor de rosa e azul de anil, nunca uma rua povoou o imaginário popular de forma tão irresistivelmente pecaminosa. Foram outros tempos. Encravada nas encostas do bairro de Laranjeiras, a Rua Alice hoje é sinônimo de entretenimento cultural e boa gastronomia. Mas há quem diga que uma brisa morna de luxúria sopra por ali todas as noites.

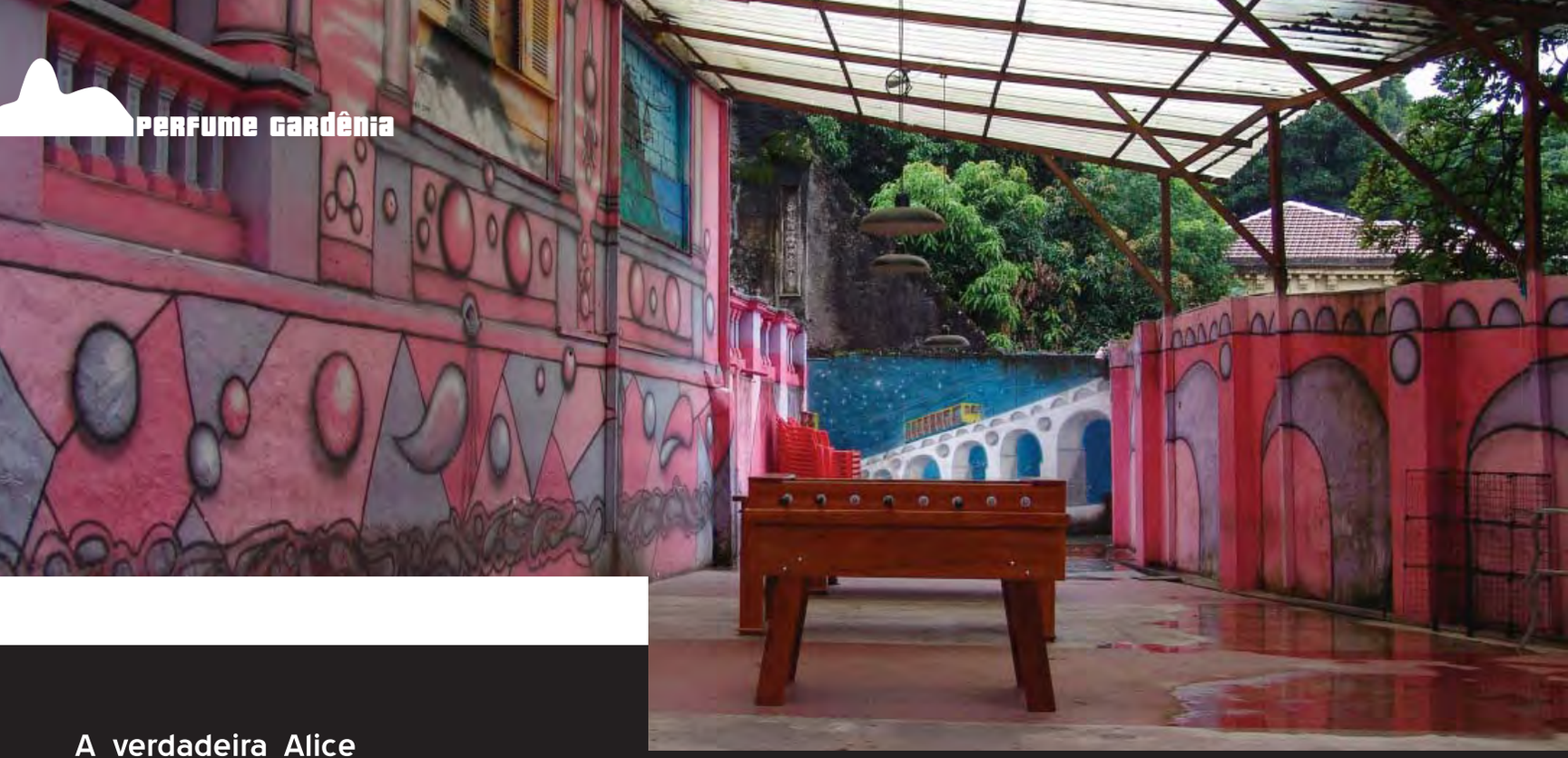
Na esquina com a Rua das Laranjeiras, O Baixo Alice, como é conhecido, reúne o tradicional Bar do Serafim, seu irmão mais novo, a Tasca do Edgar, o Canto d'Alice, um espaço eclético com música e exposições, e o Armazém. Esse quadrilátero concentra a maior parte daqueles que procuram desde refeições saborosíssimas e fartas, com sotaque português, a um autêntico pé-sujo, passando por uma casa onde o forte são os crepes e um pequeno armazém onde a cerveja em garrafa é a pedia. E é no Armazém que alguns jovens vindos da Escola de Música Pró-Arte, que fica mais acima, arriscam seus acordes para o público. Foi lá que pela primeira vez se apresentaram Los Nuevos Cariocas, um grupo de chorinho formado por três argentinos e um chileno. "Isso aqui é uma alegria só. As sextas-feiras as pessoas ficam até quatro horas da manhã", comemora Juca Ribeiro, dono do Bar do Serafim e da Tasca do Edgar.

O português Juca adquiriu o Bar do Serafim em 1996, com a morte do fundador. Ele conta que o bar vivia sempre cheio e muitas pessoas acabavam por ir embora. Em 2003, com o sócio



Edgard Costa Maia, trouxe um reforço à Rua Alice, com a inauguração da Tasca do Edgar. Trata-se de um pé-sujo com comidinhas no balcão e inscrições nas paredes das várias pérolas do cardápio, que misturam à tradicional cozinha alentejana o sotaque carioca. Aliás, mais incorporado ao espírito carioca, impossível. Há dois anos, Juca criou com freqüentadores da Tasca o bloco Volta, Alice. Em seu primeiro desfile o enredo, como não podia deixar de ser, falava de um possível romance entre Alice e Mário Portela (nome da rua paralela). O casal teria se perdido em uma noitada na Casa Rosa e se reencontrado na Tasca do Edgar, o boteco que fica no vértice das duas ruas.

Mas os lupanares que a rua abrigava no passado ainda parecem povoar o imaginário de muita gente. É assim também com o jovem cineasta Gustavo Pizzi, que no primeiro semestre de 2006 lançará o documentário "Nos Tempos da Casa



A verdadeira Alice

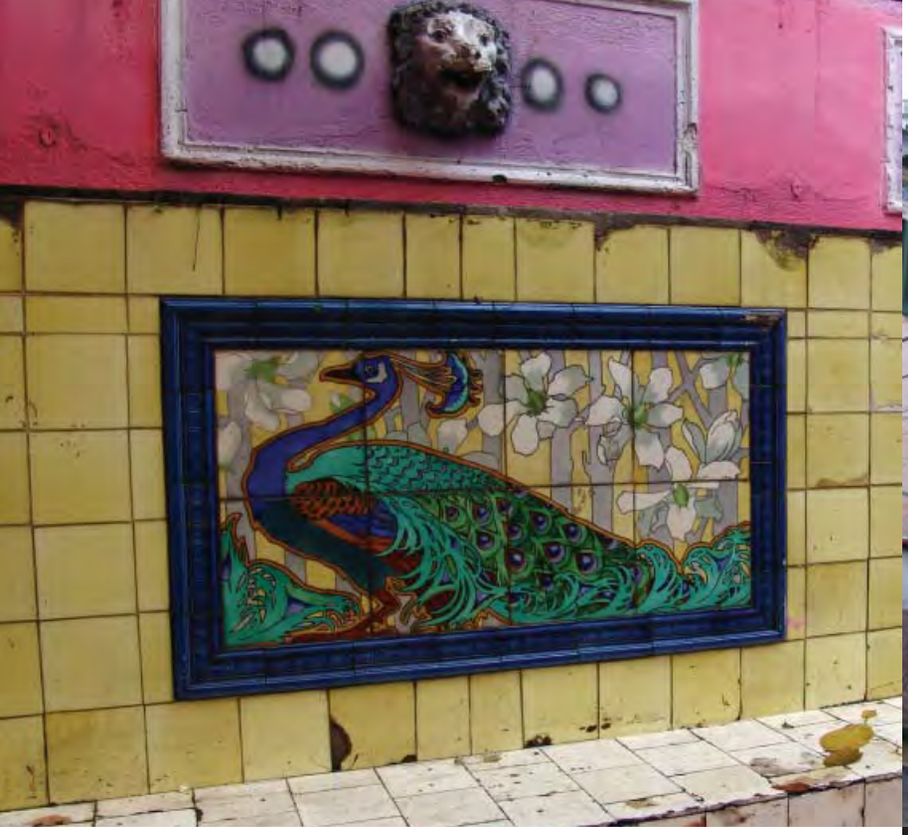
A Rua Alice, segundo Brasil Gerson na "História das Ruas do Rio", foi criada por Eduardo Kinglhoefer em homenagem à mulher, Alice, que no fim da monarquia possuía um palacete na Praia de Botafogo. Ele, Malvino Reis e Manoel Pereira Fernandes se associaram para dotar o Rio de Janeiro de uma linha de bondes que ligava a Zona Sul à Zona Norte, através de um túnel sob o morro do Mundo Novo. A rua teve sucesso. O túnel foi também aberto, mas a companhia de bondes nunca seria inaugurada.

Se o túnel da Rua Alice poderia satisfazer às necessidades do tráfego da época de D. Pedro II, evidentemente meio século depois de pouco valeria. Antes de mais nada por conta do caminho tortuoso, através de muitas ribanceiras. Por esse motivo a prefeitura, na gestão de Mendes de Moraes, iniciou a construção de um outro túnel, mais largo, em terreno plano e que, em poucos minutos, estabelecesse a ligação entre Laranjeiras e Catumbi.

Rosa". Ele, como tantos outros, não sabe precisar quantas das histórias são verdadeiras. De certo é que a rua tinha dois endereços famosos: "B... de Ouro" e "B... de Prata". Alguns afirmam que de ouro era a Casa Rosa. Outros, a Casa Azul, que ficava próximo à Rua Júlio Otoni. Controvérsias à parte, a história mais repetida é que a Casa Azul teria sido fechada quando um ilustre juiz descobriu que sua filha prestava serviços por lá. Mais uma lenda urbana? Talvez.

O filme traz ainda depoimentos de muitos que conheceram a Casa Rosa, como Lan, quando chegou ao Rio nos anos 50, e Lobão, que fala de sua iniciação, nos anos 70. Pizzi diz que o filme tem como fio condutor a história de Dona Ivanilda, hoje com 76 anos de idade e que aos 16 era uma das meninas que trabalhava na casa.

Mas desde 1995 o local se transformou em espaço cultural. Hoje a Casa Rosa, comandada por André Lagoa, Guilherme Azevedo e Felipe Chafe, oferece aos domingos uma concorrida feijoada com roda de samba, além de shows e cursos. Segundo André Lagoa, quem ajudou na tran-



sição da casa para espaço de eventos culturais foi Márcia, a última cafetina. Avessa a entrevistas, ela desaparece de tempos em tempos.

Aproximar-se do número 462 é como voltar no tempo. De um belo casarão, construído no início do século passado e cercado de árvores, sons de flauta envolvem aqueles que passam por ali. É a escola de música Pro-Arte, fundada em 1957, que hoje conta com mais de 300 alunos, com idade a partir de 5 anos. A instituição, que oferece cursos livres, foi responsável pela formação de grandes nomes como Edino Krieger, Ronaldo Miranda, Leo Gandelman e John Neshling.

Mais abaixo, uma nova e deliciosa surpresa. Crianças e jovens se exercitam nas artes circenses na ONG "Se Essa Rua Fosse Minha", criada em 1991 por Betinho com a proposta de trabalhar com meninos e meninas de rua. Hoje, além de participarem de vários espetáculos, os jovens ainda engrossam as filas de um dos mais tradicionais blocos da rua, o Canalice, que há 14 anos anima os foliões do bairro. Sem dúvida, a vocação desta rua é para a alegria e a diversão.

Poesia esculpida em pedra

"Levanta-te e anda". Não há expressão que defina melhor a sensação de milagre frente a preciosidades como a estátua de Machado de Assis na Academia Brasileira de Letras ou a escultura de uma jovem despida em frente à Igreja da Candelária. Todas levam a assinatura do escultor Humberto Cozzo, paulista de nascimento, mas carioca por adoração, que enfeitou a Cidade Maravilhosa com uma paixão só comparável à do poeta pela sua musa.

São Francisco de Assis, na Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro

Ao lado, Humberto Cozzo.
Acima, estátua de Machado de Assis, na ABL

Já no século XIX a demanda por estátuas, bibelôs e jazigos fazia do Rio a segunda cidade do mundo, depois de Paris, em número de esculturas francesas fundidas pela Val d'Osne, espalhadas por praças, jardins, avenidas e residências. Com o século XX vieram os escultores europeus, atraídos pela paz, sol e burguesia emergente. Muito se falou nas trocas entre França e Brasil, mas no dia-a-dia do carioca entre 1900 e 1950 a presença de escultores italianos era infinitamente superior. Brilhavam Humberto Cozzo, Brecheretti (depois Brecheret), Giogi, Zani, Mazzuchelli, de Fiori, Ceschiatti, Cipicchia, de Giusto, Caringi, Ferri, Colucini, e de Marchis, entre outros.

Filho de italianos nascido em 1900, com o nome de Bartolomeo — que a própria família mudou informalmente para Humberto — Cozzo começou a aprender escultura aos doze anos no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e cinco anos depois já conquistava o primeiro prêmio naquela escola. Em 1929 se mudou para o Rio, foi morar no Leme e ficou amigo de dois dos maiores nomes da Escola Nacional de Belas Artes, os irmãos Bernardelli (Rodolfo, escultor, e Henrique, pintor).

O filho de Humberto, Rubens Cozzo, já era nascido quando o escultor se mudou para a Cidade Maravilhosa. E cita um a um os principais trabalhos do pai.

"Foi dele o projeto do Ministério da Fazenda, com aqueles 33 baixos-relevos representando a Indústria, o Comércio, a Pesca, Marinha, Exército e Aeronáutica. As estátuas de Carlos Chagas e Oswaldo Cruz, na Praia de Botafogo, também são dele. Mas como obra principal eu aponto a Nova Catedral, na Avenida Chile".

"Meu pai nunca foi um artista em função do interesse comercial. Acordava cedo, às 8 ou 9 horas da manhã, trabalhava o dia inteiro e, no final da tarde, ia jogar xadrez com amigos onde é hoje o Largo da Carioca"

Rubens Cozzo,
filho de Humberto Cozzo

Oferenda em frente à Igreja da Candelária, no Centro

O Rio era a Capital Federal no primeiro governo Getulio Vargas. E rapidamente o talento do escultor paulista caiu nas graças do presidente da República, cujos ministros passaram a fazer várias encomendas.

"Meu pai nunca foi um artista em função do interesse comercial. Também nunca foi boêmio, acordava cedo, às 8 ou 9 horas da manhã, trabalhava o dia inteiro e, no final da tarde, ia jogar xadrez com amigos onde é hoje o Largo da Carioca".

Uma das mais belas esculturas, "A Oferenda", foi feita em 1930, por encomenda do então prefeito Pedro Ernesto, apenas para ser colocada sobre a caixa d'água do Theatro Municipal, onde permaneceu por muitos anos. Depois foi levada para a Praça da Glória até que, na gestão Saturnino Braga, a instalaram em frente à Igreja da Candelária, onde se encontra até hoje.

A assinatura H. Cozzo também está em obras no Museu Nacional de Belas Artes e até na sina-

goga da Rua Tenente Possolo, no Centro, onde Cozzo imprimiu sua marca num belo painel em vidrotil. Muitas peças de Cozzo podem ser encontradas em coleções particulares como as da Villa Riso ou do ex-prefeito Luiz Paulo Conde.

Cozzo será relembrado em 2006. Renata Martins, sua bisneta, lançará um livro sobre o escultor. E o colecionador Márcio Roiter, grande admirador, montará uma exposição.

Segundo Roiter, Cozzo instalou seu segundo e último ateliê na charmosa Joaquim Silva, entre a Lapa e Santa Teresa, serpenteada por fícus e amendoeiras. Em 1974, o fã foi ao ateliê conhecer o escultor.

Virgem na Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro

"Eu que estava ali em busca do escultor *art déco* dos anos 30 encontrei uma figura feliz com o passado, mas em plena evolução. Acabara de terminar aquela que seria sua última grande encomenda: uma cruz de seis metros de comprimento com o Cristo, quatro esculturas (São Sebastião, Nossa Senhora, São José e Sant'Anna) de 2 metros e 80 e um painel de 150 metros para a nova Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro."

"De repente do meio daquelas centenas de esculturas espalhadas pelo ateliê, tirou a "Instrução", de quase um metro de altura, maquete para o Ministério da Educação e Cultura, e me deu de presente. Não acreditei. Era um gesto de tanta generosidade. Só mesmo alguém de bem com a vida."

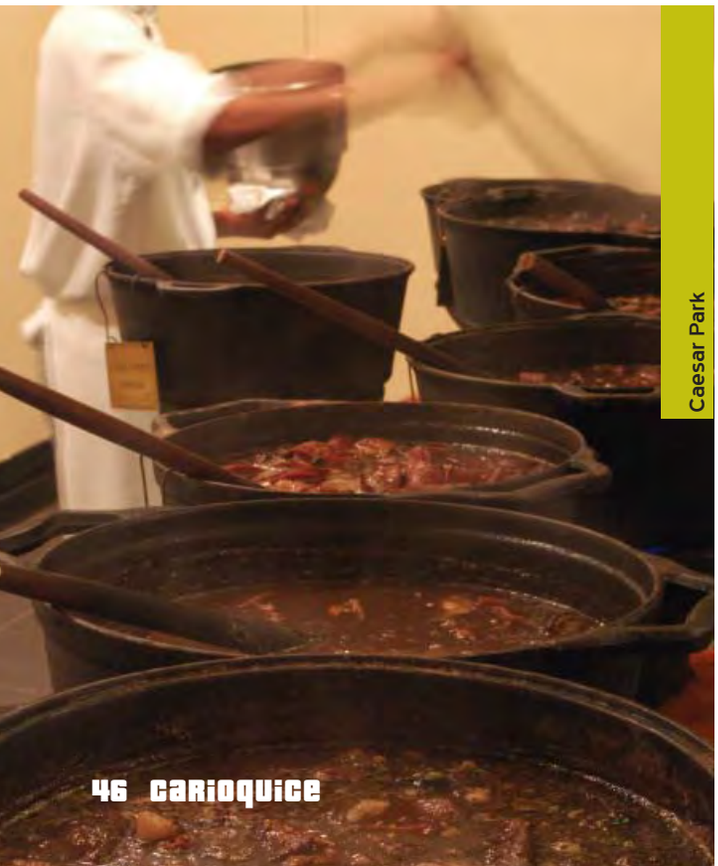
Um ano depois da morte de Cozzo, Roiter recebeu um convite de Cesarina Riso. O pai, o comendador Riso, havia sido um dos mecenas do escultor e adquirira do protegido peças apresentadas no Salão Modernista, em 1931, organizado por Lucio Costa (na resposta carioca à Semana de 22 em São Paulo), além da "Primeira Pose", um das principais obras, mostrando uma tímida adolescente que se despia diante do escultor.

"Escondida nas antigas cavalariças daquela fazenda do século 19, com placa e tudo, lá estava a "Taberna Cozzo", onde ele ia tocar choros com a família Riso. Decorada com 13 maquetes dos painéis para o Ministério da Fazenda (projeto de 1940), a Taberna me fez pensar: a arte é generosa e os artistas representam o que de melhor existe nesse mundo."

Cozzo trabalhou até certa noite em que, aos 81 anos, sentiu-se mal e o coração não agüentou. Mas já deixara para a eternidade sua contribuição à Cidade de São Sebastião.

Feijoada, porque hoje é sábado!

Carioca que é carioca abre os trabalhos do final de semana com uma baita feijoada. Por obra e graça desse hábito lítero-poético-gastronômico, sábado virou o dia universal da fumegante caldeirada cor de ônix, onde navegam orelhas, rabinhos e paios, entre outras perversidades. Foi aqui mesmo, na terra sagrada de São Sebastião, que se sacramentou a liturgia pagã de, em toda a véspera do santo dia do descanso, 10 entre 10 brasileiros caírem de boca no quitute mais maravilhosamente devasso da nossa culinária. E antes que alguém proponha qualquer diversionismo, vamos botar água no feijão.



Caesar Park

Prato tradicionalíssimo da culinária brasileira, uma boa e suculenta feijoada é inspiração para as mais diversas situações. Tanto que virou música pelas mãos de Chico Buarque e poema pelas de Vinicius de Moraes, que assina os versos geniais de "Feijoada à minha moda", responsável pelo tempero da reportagem que segue. No caso da feijoada, o princípio não foi o verbo, mas a manjedoura dos escravos. Dizem os historiadores que a feijoada surgiu numa senzala, no século 16, em pleno Brasil Colônia. A comida dos escravos acabaria conquistado a casa grande. E data do século 19 o registro da primeira vez que um restaurante carioca — chamado G. Lobo — serviu feijoada. Hoje o prato tem até residência "oficial" na cidade: a Casa da Feijoada, em Ipanema — que acaba de ser incluído no Guia

Hotel Novo Mundo

Borsalino

Feijoada à Minha Moda,

de Vinícius de Moraes

Amiga Helena Sangirardi
Conforme um dia eu prometi
Onde, confesso que esqueci
E embora — perdoe — tão tarde
(Melhor do que nunca!) este poeta
Segundo manda a boa ética
Envia-lhe a receita (poética)
De sua feijoada completa.

Os elementos componentes
De um saboroso refogado
Tais: cebolas, tomates, dentes
De alho - e o que mais for azado
De carne-seca suculenta
Gordos paios, nédio toucinho
(Nunca orelhas de bacorinho
Que a tornam em excesso opulenta!)

Tudo picado desde cedo
De feição a sempre evitar
Qualquer contato mais... vulgar
Às nossas nobres mãos de aedo.

Dito e Feito

Uma vez cozido o feijão
(Umas quatro horas, fogo médio)
Nós, bocejando o nosso tédio
Nos chegaremos ao fogão

E — atenção! — segredo modesto
Mas meu, no tocante à feijoada:
Uma língua fresca pelada
Posta a cozer com todo o resto.

Inútil dizer que, entrementes
Em chama à parte desta liça
Devem fritar, todas contentes
Lindas rodelas de lingüiça

Que prazer mais um corpo pede
Após comido um tal feijão?
— Evidentemente uma rede
E um gato para passar a mão...

Academia da Cachaça

Fodor's, renomada publicação do setor de turismo. "A nota máxima é 5. Ficamos com 4,8 — o que é excelente. Somos os únicos da América Latina listados. Estamos ao lado de restaurantes da Nova Zelândia, Suécia e França", comemora o sócio Gilberto Araújo.

Ipanema ainda oferece outro ponto tradicional para a degustação do prato: o Caesar Park. "A história da feijoada do Caesar Park começa há 27 anos", conta o gerente de alimentos e bebidas Eduardo Bressane. Mas quem sabe os detalhes mesmo é o *chef* Pedro Gomes, que trabalha no hotel desde a inauguração, em 1978. É ele o homem da feijoada do Caesar, todo santo sábado. "A feijoada começou logo no primeiro ano, por conta da demanda de turistas pra conhecer o prato típico brasileiro. Servíamos entre 40 e 50 pratos", recorda. O ápice foi nos anos 80, quando a cada sábado 600 pessoas passavam pelo Caesar para saborear o prato. "Hoje, são 200 pessoas. Te-

Caesar Park

mos nosso público fiel", completa, creditando à fidelidade do freguês a qualidade do tempero caseiro que eles conseguiram atingir.

O Caesar Park acabaria inovando a maneira de se servir feijoada no Rio. "Inventamos a feijoada *light*, separando as carnes. Colocamos cada tipo numa panela pra pessoa não ter dificuldade em selecionar as partes", explica Gomes. Estava lançada a moda que até hoje é seguida em vários restaurantes da cidade.

O hotel mobiliza cerca de 12 pessoas na cozinha para o preparo. Na Casa da Feijoada, são três. Cada panelão tem seus segredinhos. "A escolha dos ingredientes é fundamental. Mas nossa diferença é o gelo, que usamos para tirar o sal. Em vez de dar uma fervura, tiramos o sal na água fria e deixamos no gelo e água por três dias, trocando diariamente", entrega Bressane.

O processo do Caesar pode ser qualificado de artesanal. Começa na segunda, com a limpeza das carnes, que ficam de molho terça, quarta e quinta. Na sexta, vão para o fogo. "Na hora do cozimento das carnes, jogamos de oito a dez laranjas com a casca. Dá um sabor diferente. A tal função adstringente é pura lenda! É difícil tirar a gordura de um porco. Você deve procurar carnes mais magras", ensina o gerente. E ao meio-dia de sábado está tudo pronto.

A Casa da Feijoada dá outras dicas. "Nossa diferença é que deixamos a carne dessalgando por 12 horas. Vamos trocando a água umas quatro vezes. No final, ainda fervemos um pouco", conta Araújo. Lá o prato é feito de véspera. "Começamos cedo e só desligamos o fogo à meia-noite. Chega de manhã e o feijão ainda está quente".

E o segredo? "O mais importante é a escolha das carnes, tem de ser da melhor qualidade. Afinal, o que dá sabor são as carnes", resume Araújo. Mas um bom feijão também é fun-da-mental. "Procuramos sempre ter um fornecedor da roça. O feijão deve ser preto tipo 1, de preferência novo. É esse que dá bom caldo, cor de chocolate. O velho demora pra cozinhar e perde a cor. O que conta mesmo é o feijão cozido durante horas a fogo baixo, pra apurar o gosto".

Mas porque aos sábados? "Aqui na Casa da Feijoada, todo dia é dia. Até porque tem muita gente que chega ao Rio na segunda e vai embora da sexta. Imagina, ir embora sem provar da feijoada?", argumenta um Araújo indignado. Eduardo Bressane relativiza: "Acho que é porque a feijoada é pesada, aí você tem domingo pra descansar. E a feijoada acaba sendo um evento, não é apenas uma alimentação. Come-se por três, quatro horas."

Variações sobre o tema feijoada

A história da feijoada é cheia de controvérsias e desentendimentos. Nos últimos tempos a voz corrente é que, contrariando a crença generalizada, o prato não foi inventado pelos negros escravos. Teria na verdade ascendência portuguesa e, assim como a conhecemos, surgido no século XIX, no restaurante carioca G. Lobo, que funcionava na Rua General Câmara, 135. Em "Baú de Ossos – Chão de Ferro", o escritor Pedro Nava avaliza essa versão e conta que a receita fez tanto sucesso que logo espalhou-se pelo país.

Discussões à parte quanto à origem desse prato demasiadamente nutritivo e até mesmo estarrecedor, o fato é que há alguns anos ele vem ganhando releituras como as feijoadas de polvo e de frutos do mar do Barracuda. Messias Aragão, sócio do restaurante que há 21 anos mantém a tradição da cozinha de frutos do mar com sotaque português, conta que há mais de dois anos se renderam a feijoada. "Procuramos fazer algo mais leve e de acordo com nossa tradição, primeiro veio a Feijoada de Polvo, com a tinta do molusco e feijão rajadinho". Mas o sabor que remete à tradicional feijoada ele não revela.

A Feijoada Marítima que também faz parte do cardápio é, segundo Aragão, mais light. Na composição feijão-branco, polvo, camarão, cherne e lula. Os acepipes já têm fiéis apreciadores, como Lulu Santos, que frequentemente aporta na casa. Mas essas só são servidas nos fins de semana, quando as pessoas não têm pressa e podem apreciar melhor o prato, ensina Aragão.

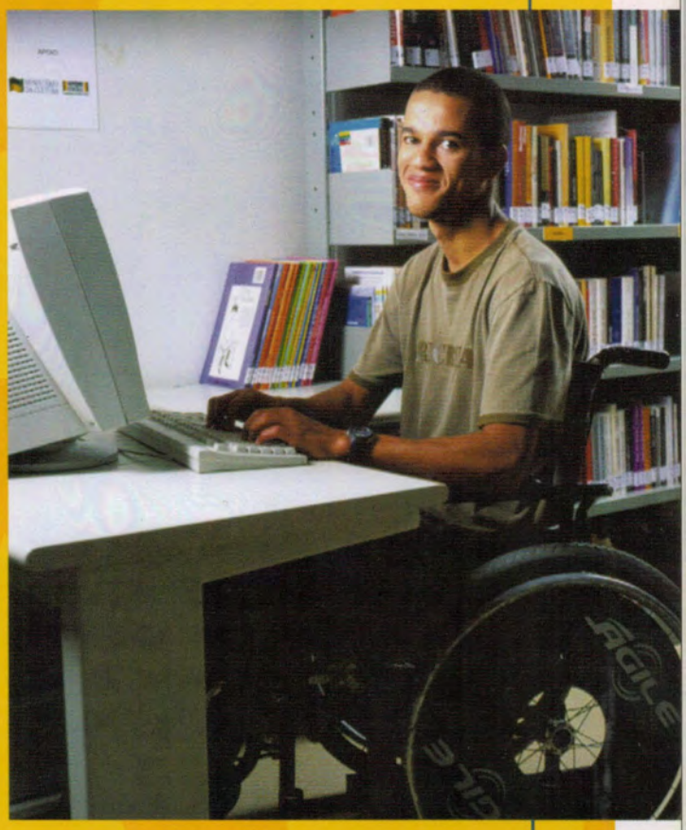
Seja a tradicional ou as suas variações, o feijão é uma refeição de sustento e como tal deve ser comido devagar, ao lado dos amigos, num verdadeiro cerimonial. Como afirma Câmara Cascudo, "a feijoada não constitui um acepipe, mas um cardápio inteiro. Ali se condensam fauna e flora num plano de seleção e resultados inestimáveis de pressão atmosférica e graduação calorífera de alta precisão sensível. É preciso saber corresponder a essas categorias".

O nome, o endereço e o telefone. As únicas diferenças entre a sua agenda e a de um portador de deficiência.

LAGE | MAGY

06:50 – Cachorro pula na cama (e lambe minha boca).
07:00 – Banho rápido. Estou atrasado.
07:30 – Café da manhã e jornal do dia.
08:15 – Chego no escritório sem trânsito.
08:45 – Chego no escritório com trânsito.
09:30 – Reunião.
09:45 – Está difícil ficar acordado.
10:45 – Ufa. Final da reunião.
12:00 – Almoço no japonês.
13:20 – Volta do almoço.
13:30 às 14:30 – Bode.
15:50 – Outra reunião. E a sexta-feira que não chega.
17:23 – Champanhe. Atingimos as metas.
18:00 – Até amanhã. Será que eu vou pra academia?

Esse é o dia de um portador de deficiência: igual ao seu.

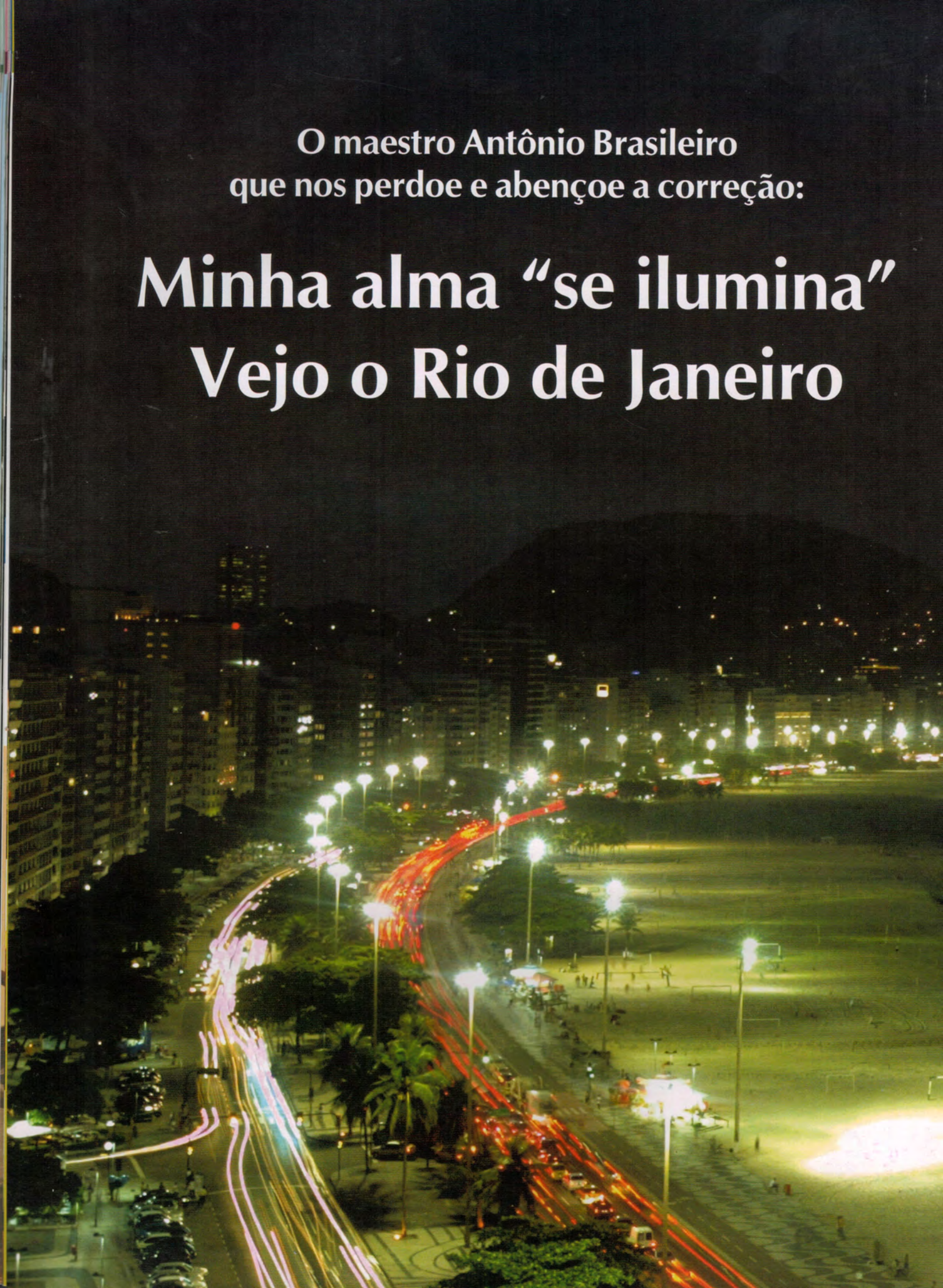


As diferenças acabam aqui.

AACD
ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA À CRIANÇA DEFICIENTE
RIO DE JANEIRO
www.aacd.org.br
21 3759 8400

O maestro Antônio Brasileiro
que nos perdoe e abençoe a correção:

Minha alma "se ilumina"
Vejo o Rio de Janeiro



Com diversos investimentos nas áreas de Energia e Mineração em toda a América Latina, a MPX tem o orgulho de ser brasileira antes de tudo. E carioca por opção, devoção e paixão.

EBX

Copacabana, princesinha do bar

por Felipe Maciel

Década de 50. Os anos foram mesmo dourados no mais charmoso pedaço de praia que se tem notícia. Adivinhe de onde estamos falando? Entre boates, restaurantes e bares, o bairro-símbolo do glamour carioca abriu o país para a modernidade na música, na imprensa e no comportamento. Um bom lugar pra se jantar, beber e dançar. E eu esperei por essa noite uma semana...

Bottle's Bar, que virou *point* dos principais instrumentistas em atividade na cidade

O Rio ainda gozava da pompa de sede da cúpula política, paraíso do *high society,* com seus amplos edifícios *art-déco* riscando a paisagem. A eleição de JK em 1956 personificava o otimismo daqueles anos. Tom Jobim firmava parceria com o poeta-diplomata Vinicius de Moraes para juntos inventarem a moderna Música Popular Brasileira, dando um novo acabamento harmônico e poético ao samba. E, ainda que Ipanema tenha levado a fama, foi em Copacabana que a Bossa Nova aconteceu.

Copacabana sintetizava o sonho de uma nação democrática e próspera, palco para o *jet set* exibir as grifes da moda, os automóveis de última geração e as novas conquistas amorosas. O território entre o Posto Seis e o Leme pouco ou quase nada lembrava o areal dos anos anteriores, quando o bairro ainda era uma pacata vila de pescadores adeptos ao banho de mar.

Da esquerda para a direita: Antonio Maria, Dolores Duran, Miele e Leny Andrade: personagens que brilharam nas boates de Copacabana nos anos 50 e 60

Fotos: Tribuna da Imprensa

A Lapa — reduto tradicional da boemia — sofrera duro baque durante a repressão do Estado Novo, que pôs abaixo à pancada seus tradicionais bares, perseguiu as prostitutas do Mangue e a malandragem da Praça Onze. Em 1946, foi o presidente Dutra quem desfechou novo golpe ao proibir a atividade dos cassinos.

Aos poucos, o Rio abandonou os *dancings* da Cinelândia e as vielas da Lapa para assumir sua vocação para a *dolce vita* praieira. Copacabana logo se firmaria como ponto de encontro da boemia. A vida noturna na Zona Sul já não seria a mesma das navalhadas da Lapa embalada ao ritmo do batucada. O samba, para permanecer, teve que ganhar ares urbanos.

O jornalista e pesquisador de MPB Rodrigo Faour lembra que a música das boates não era a mesma que agitava a Lapa: "O Rio se modernizava. Era preciso adaptar-se ao estilo urbano. Quem tinha dinheiro mudou-se para Copacabana, em busca de uma música mais romântica e arrastada, com uma pitada dos boleros de nossos *hermanos*. O samba manteve o balanço, mas precisou encontrar um intermediário, sem a cuíca, o pandeiro e o tamborim", afirma.

o vogue e o sacha's: o high society no auge

No ano seguinte à proibição do jogo no Brasil foi aberta na Avenida Princesa Isabel a boate Vogue: a primeira a despontar como endereço fixo do *café-society*. Inaugurada pelo austero barão Von Stucker — austríaco asilado pela família Guinle no deflagrar da Segunda Grande Guerra — a badalação no Vogue, restrita a no máximo 120 pessoas, tornou-se sinônimo de status em pouco tempo.

Com paredes soturnas, um clima *noir* existencial francês e um piano de cauda, comandado por Sacha Rubin — austríaco com pinta de francês, impecável no traje, sempre com um copo de uísque por perto e um cigarro ao canto da boca — o pequeno salão da boate parecia ainda menor quando à noite desfilavam os íntimos do poder.

De Juscelino Kubitschek, João Goulart, Café Filho, Bejo Vargas (irmão de Getúlio), aos mestres do colunismo social Jacinto de Thormes, Ibrahim Sued, Antônio Maria, e também às mais elegantes mulheres da sociedade — Lourdes Catão, Thereza Souza Campos a Dolores Guinle — todos freqüentavam a casa noturna do barão austríaco, sob a observação atenta do maître Luís, um ás na diplomacia social com o público de poderosos.

O Vogue oferecia um raio-x criterioso da época: uma referência precisa de quem fazia e quem não fazia parte da bochicho da alta sociedade. Ou, como preferia Ibrahim Sued, em seu dialeto próprio, dividindo a Humanidade entre *kar* e *shangay*, o que atualizado aos dias de hoje valeria por *in* e *out*.

Enquanto Sacha dedilhava clássicos do jazz norte-americano, atacando de Cole Porter, irmãos Gershwin e Hurt Rodgers, de acordo com a pre-

ferência da freguesia, Linda Batista — atração fixa da casa e rainha da Rádio Nacional — fazia sucesso com o sambolero "Vingança" de Lupicínio Rodrigues, e Silvio Caldas exibia o auge de sua potência vocal.

Dolores Duran — a cantora e compositora que melhor encarnava o samba de fossa — despontou para a carreira, inclusive na Rádio Nacional, quando foi convocada para integrar o *cast* da casa, ainda menor de idade. Mas nada de solidão, dor e sofrimento em português. Dolores — que, mesmo sem falar línguas estrangeiras, dominava a pronúncia do francês e do inglês — arrebatou corações com "My funny Valentine" e com o rascante repertório de Edith Piaf. Araci de Almeida, por sua vez, tratou de atualizar a crônica social de Noel Rosa — morto e esquecido em 1937 — narrada no compasso do samba pela voz grave da cantora.

Foi Joaquim Ferreira dos Santos — cronista dos lugares do Rio e sua gente — quem selecionou episódios curiosos da noite carioca dos anos 50, como instantes fotográficos, a partir das crônicas da coluna Mesa de Pista, assinada por Antônio Maria em O Globo. O principal cronista da noite entre 1950 e 1964 colhia as novidades fresquinhas na badalação do Vogue para a coluna:

"Araci de Almeida e Linda Batista, duas rainhas do rádio, se pegam pelos cabelos e começam, por motivos que a história não registrou a se estapear no meio do salão (...) Enciumado pela rejeição de uma vedete do teatro rebolado, Benjamin Vargas, irmão do presidente Getúlio, saca o revólver e sai atirando para o teto".

Engana-se quem pensa que o Vogue fez história unicamente pelos nomes célebres que por lá circularam. As inovações do *chef* de cozinha Gregoire Belinzanski estavam fadadas a se tornarem clássicos populares. O *chef* russo introduziu ao cardápio da boate o strogonoff, o frango à Kiev e o picadinho à brasileira. Jorginho Guinle e o ex-presidente Café Filho eram outros dois fiéis freqüentadores que não dispensavam as maravilhas gastronômicas do Vogue.

Um trágico agosto, no entanto, marcaria o fim da casa noturna do barão Von Stucker. Em 1955, um incêndio destruiu por completo o prédio de 12 andares onde ficava a boate, levando cinco vidas — entre elas a do cantor norte-americano Warren Hayes — e arrastando um público perplexo para a rua Princesa Isabel. Era concluído ali, em meio às cinzas, um importante capítulo da noite carioca. Na ocasião, Antonio Maria escreveu:

"Nem sei com que cabeça escrevo estas notas. Com o Vogue, terminou uma era da vida noturna carioca. Outra virá, mas será outra, sem o Vogue. Queimou-se o piano que fora de Sacha, mas ficarão as canções da noite (...) Acabou-se o Vogue exatamente quando o cornetim dos bombeiros tocou 'fogo extinto'".

A orfandade da alta sociedade durou pouco. O Sacha's — que levava o nome em homenagem ao já célebre pianista — era propriedade de outro barão, que atendia pelo nome de Lúcio Schiller, e cedo preencheu a lacuna deixada por sua antecessora. Do Vogue, herdou a formalidade — homens de paletó, mulheres de longo — e seu pianista — que tratou de dar uma pitada a mais no glamour da casa, tocando o piano à luz de um candelabro.

O sucesso do Vogue e do Sacha's permitiram que aflorassem aqui e ali uma série de bares, boates e inferninhos nem tão elegantes quanto os originais, mas seguindo a mesma linha do piano-bar. O circuito de Copacabana crescia. Havia o Arpége, do Valdir Calmon, o Drink, de Djalma Ferreira, o Scotch's Bar, o Cangaceiro, o La Fiorentina, o bar do hotel Plaza, o Fred's, entre alguns esquecimentos.

Neles se apresentavam bambas como a can-

tora de samba-canção Helena de Lima — uma das pioneiras em registrar canções de Tom Jobim —, Murilinho — *crooner* que fazia muito sucesso —, Johnny Alf — precursor da Bossa Nova —, Maysa — já sem ostentar o sobrenome Matarazzo —, e tantos outros que fizeram história na batida do samba e da fossa e algumas doses de uísque.

O sucesso do Beco das Garrafas

Copacabana já era a principal artéria da cidade quando o Beco das Garrafas virou o reduto da Bossa Nova. As quatro minúsculas casas da travessa sem saída da Rua Duvivier: Little Club, Bacarat, Ma Griffe e Bottle's ocupavam, pela ordem, um território quase anônimo até a Bossa Nova acontecer já na virada para os anos 60 até ser ofuscada em meados da década pelo fenômeno jovem do iê-iê-iê.

Boite Bacarat, anônima até o sucesso da Bossa Nova

O antigo botequim Bottle's Bar, não por acaso, levava a alcunha de Escondidinho, antes de virar *point* dos principais instrumentistas em atividade na cidade entre novatos e veteranos. O Bacarat, de propriedade de um francês conhecido como Gigi, seguia o mesmo estilo, enquanto o Ma Griffe se dedicava a um outro ramo de negócios, o de meninas.

O imigrante italiano Alberico Campana chegou ao Brasil em 1952 sem um tostão no bolso. Foi garçom, cozinheiro e até cantor no Beco antes de se tornar proprietário do Bottle's e do Little Club com seu irmão, Giovani. Lá acompanhou os grandes nomes da música popular. O Little Club, recorda-se, era voltado para o samba. Dolores Duran se apresentou na casa até o dia anterior ao de sua morte em 23 de outubro de 1959, aos 29 anos.

"Fui apaixonado por Dolores e ela nunca soube. Sempre me contava as suas mágoas. Era uma mulher romântica. Chorava quase todos os dias. Tinha medo da noite e só voltava para casa de manhã. Eu, por pelo menos seis meses, a esperava todos os dias para levá-la para casa", comove-se Alberico, hoje proprietário do restaurante Plataforma.

O compositor Billy Blanco também soa saudosista ao se referir à amiga a quem credencia sua profissionalização como compositor e com quem tivera um rápido romance. Na bagagem de seus 82 anos, Billy pincela uma história de seu anedotário de fina ironia:

"Havia um cavalheiro que sempre ia ao Little Club ouvir Dolores cantar, mas não a olhava e nem se dirigia a ela, limitando-se a pedir ao garçom que mandasse aquela 'neguinha' cantar 'Nunca', de Lupicínio Rodrigues. Dolores me contou isso fula da vida. Foi aí que veio a inspiração para a canção que fiz e diz: 'Não fala com pobre/ não dá mão a preto/ não carrega embrulho/ pra que tanta pose, doutor'. Dolores logo

adotou a música e a cantava olhando na fuça do sujeito, que obviamente nunca notou que o recado era para ele."

Sobre os freqüentadores do Beco das Garrafas, Alberico afirma que ali o terreno era democrático. Tinha de tudo por lá, desde atrizes do teatro sério e do rebolado, jornalistas, como Ibrahim Sued e Antônio Maria, a grã-finos do cacife de Jorge Guinle a Baby Pignatari. Sobre este último — uma das figuras mais controversas da noite, playboy paulista, conquistador eficiente e integrante do Clube dos Cafajestes — Alberico é ríspido:

"O Baby eu expulsei do Bottle's. Alguém que estava com ele jogou dentro do bar uma bombinha dessas que libera uma fumaça mal-cheirosa. Não tive dúvida, foram todos para a rua."

O baterista Wilson das Neves, que começou na noite substituindo o craque Dom Um Romão, também fala da vocação de Baby para a confusão: "Certa vez, ele ofereceu pagar a bebida para os músicos que estavam se apresentando. Eu, que estava no meio, além de não beber, sabia que o cara era encrenqueiro e não aceitei sua oferta. Antes tivesse ficado só com o dinheiro já que na época vivia duro e nem sempre recebia para tocar".

O pocket show e os conjuntos instrumentais

Alberico se recorda de quando convidou o trio do pianista Luiz Carlos Vinhas para tocar de graça no Beco, ainda nos anos 50, quando a Bossa Nova engatinhava dentro dos apartamentos. O trio vinha de um fracasso no melhor restaurante do país, Au Bon Gourmet, disputado por políticos e pelo *high society*, e logo no primeiro dia de show seus músicos foram expulsos.

"Naquela época o bolero de Nelson Gonçalves era o que fazia sucesso, totalmente oposto à música instrumental que aqueles jovens músicos vinham testando. O ouvido das pessoas não estava acostumado à batida. Os políticos ameaçaram ir embora", relembra Alberico. "Mal sabiam eles, e nós também, que a mesma casa receberia em 1962 o único encontro da santíssima trindade da Bossa Nova: Vinícius de Moraes, o poeta-maior do movimento, Tom Jobim, responsável pelas harmonias sofisticadas inspiradas em Debussy e Ravel, e João Gilberto, o inventor da batida, acompanhados por Os Cariocas" conclui.

Apesar de toda a precariedade, o Beco vingou e desbancou o piano-bar em vigência nas

Baby Pignatari

"Tinha de tudo entre os freqüentadores do Beco das Garrafas, desde atrizes do teatro rebolado, jornalistas, como Ibrahim Sued e Antônio Maria, a grã-finos do cacife de Jorge Guinle a Baby Pignatari"

Alberico Campana

noites de Copacabana. A grande inovação daqueles bares, segundo seu dono, foi a profusão dos conjuntos de bossa jazz, samba jazz, sambalanço ou música instrumental brasileira moderna, como define Miele. Campana também se refere aos primeiros passos do que seria o *pocket show* brasileiro, livremente inspirado nos números da Broadway, mas adaptado às peculiaridades e ao aparato técnico carioca — ou à falta dele.

"Sem exagero, a dupla Miele e Bôscoli produziu uns seis shows para o Bottle's. Éramos obrigados a mudar os shows de tempos em tempos. O público era sempre o mesmo", explica Campana, para complementar sua análise sobre as produções da grife Miele & Bôscoli: "Miele era um dos melhores comediantes do Rio de Janeiro, improvisador de primeira, canta bem, até sapateia e trazia a bagagem de produtor na TV Continental. E Bôscoli tinha uma criatividade extraordinária. Era um cara preguiçoso, mas de grande fertilidade mental".

É Miele quem lista os artistas que começaram a carreira no Beco: Eliana Pittman, Jorge Ben (hoje Benjor), Wilson Simonal, Leny Andrade e Elis Regina estrearam lá. Entre os músicos, Sérgio Mendes, Antonio Adolfo, Luiz Eça, Tenório Jr. aprenderam o ofício durante as madrugadas no Beco.

"Nossos shows no Beco não eram de Bossa Nova. Atacávamos de Simonal, Lennie Dale a Darlene Glória, inserindo toques de humor e improviso. Mas não acredito que eu e Ronaldo (Bôscoli) tivéssemos descoberto ninguém. Só estávamos na hora certa com as pessoas certas. Por que não dizer que foi o Simonal, com seu talento exuberante, quem descobriu a gente e não o contrário?".

Entre a verdade dos fatos e o folclore da lenda, vai uma longa distância, mas nada apaga alguns momentos históricos, como a ida de Ella Fitzgerald ao Beco durante a passagem da diva do jazz, deixando o público do Goldem Room sem o bis, para correr e conferir as novidades do Beco das Garrafas. Ou as escapulidas do cantor italiano Domenico Modugno (sucesso no Brasil com a canção "Volare") no Bacarat, onde se enrabichou com a *crooner* da casa, Marisa Gata Mansa.

Mas o que era música, diversão e boemia, logo virou negócio lucrativo, e, a partir de então, as coisas mudaram. Elis, por exemplo, largou o Beco por São Paulo. E despertou a ira de Bôscoli. E não só. Novas mudanças de comportamento aceleram a decadência da noite em Copacabana:

"A partir de meados dos anos 60 mudou o perfil dos freqüentadores da noite, quando surge o fenômeno jovem. O rock mudou tudo. A noite, que era piano e baixo, virou estridência. Os jovens tomaram conta, nada de ostentar glamour. O negócio era a atitude, desafiar os padrões. Geograficamente também a cidade mudou e se transferiu para Ipanema", avalia o jornalista Joaquim Ferreira dos Santos. Mas esta é outra história e fica para depois.

Geografia da cordialidade

Situado em pleno coração do Centro antigo, o Morro da Conceição encontra-se nas franjas remanescentes da urbe colonial, desta muito leal e heróica Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Um lugar de gente simples, solidária e, sobretudo, educada. Características aprendidas, desde o berço, no dia-a-dia da vivência nos becos, ladeiras, escadas, largos e ruas estreitas que tornam o local tão peculiar. Espaço pitoresco e aprazível que guarda, no calçamento de pé-de-moleque e outras pedras, a memória cultural e histórica da Cidade Maravilhosa.

por antônio agenor barbosa

Costumes urbanos que já se perderam ainda são observados constantemente nas ruas desta pequena colina que compôs, com os morros do Castelo, São Bento e Santo Antônio, um dos vértices do acidentado quadrilátero colonial que originou a malha urbana do Rio.

A história do Morro da Conceição começa em 1590, quando o local recebe uma pequena igreja dedicada a Nossa Senhora da Conceição, que passa a dar nome ao espaço. A ermida fora construída no morro em frente, oito anos antes. Mas como a área fora doada pelo sesmeiro Manoel de Brito aos monges beneditinos para a construção do Mosteiro de São Bento, e na época uma igreja não poderia ser simplesmente demolida, a capela foi transferida pedra por pedra.

Em volta dela se instalaram alguns dos primeiros descendentes dos portugueses, que dois séculos depois teriam como vizinho o bispo do Rio de Janeiro, D. Francisco de São Jerônico. Os ataques franceses à cidade, no início do século XVIII, levaram a corte portuguesa a construir também no local uma fortaleza, onde mais tarde seriam confinados inconfidentes como Tomás Antonio Gonzaga. Transformou-se apenas em cadeia por pressão, segundo reza a lenda, do bispo, indignado com a quebra de cristais aos primeiros disparos dos canhões.

No século passado, o Morro da Conceição era embalado pela música de sambistas como

Donga e João dos Prazeres, que se reuniam junto à Pedra do Sal — o local onde o produto, procedente da Europa, era descarregado para abastecer o Rio Colônia.

Mas voltemos aos dias de hoje, em um passeio por este local histórico. Logo à chegada por uma das principais entradas que dão acesso ao Morro propriamente dito, chegando à Praça Major Valô, ergue-se a bonita imagem da Virgem Santa que batiza com seu nome o lugar e que lhe confere tanta proteção, paz e segurança quanto as guaritas da Fortaleza, onde estão os soldados do Exército brasileiro que dão alguma contribuição à santa na proteção e na ampliação da sensação de segurança que se tem por aqui. Mas além da pura e simples sensação de segurança, aqui se pode vivenciar cotidianamente, de fato, a tão sonhada segurança pública que em muitas partes da metrópole já não se encontra mais.

No Morro da Conceição reside e trabalha muita gente de bem e muita gente do bem. Militares da reserva, funcionários aposentados do Porto Marítimo, comerciantes e alguns profissionais liberais compõem boa parte do perfil de muitos dos moradores que residem talvez em alguns dos imóveis residenciais mais antigos do Rio de Janeiro. A grande maioria de idosos e aposentados, muitos filhos de portugueses nascidos e criados no lugar e que nunca tiveram a experiência de viver em outra parte da cidade. Existem alguns nordestinos pioneiros como o Seu Felix da Ladeira do João Homem — um simpático sergipano que aqui reside desde 1936 — e outros recém-chegados, mas que foram muito bem recebidos e aceitos pela comunidade. E certamente por isto está ainda por se desvendar, para os pesquisadores, sociólogos e urbanistas, um outro sítio urbano desta cidade em que a noção de pertencimento, de integração física e simbólica entre as pessoas de diferentes origens geográficas e culturais e de identidade quase umbilical entre as pessoas e o lugar seja tão forte e significativa quanto o é no Morro da Conceição e nos seus arrabaldes.

Lugar também impressionantemente muito rico em símbolos (materiais e imateriais) e trocas afetivas cotidianas experimentadas pelas relações cordiais que se dão nas ruas deste sítio, onde tanto a tristeza quanto a alegria do dia-a-dia não passam despercebidas — pelo simples olhar carinhoso ou pela entonação gentil com que os moradores mais antigos respondem com um "bom dia" ou "boa tarde" às pessoas que por ali circulam, tentando desvendar algumas das camadas de muitos véus e mistérios que encobrem suas íngremes e sinuosas ladeiras.

Solidão, carência, depressão e tristeza podem até existir na vida privada de seus moradores. Mas delas pouco ou nada saberemos, já que a vida pública no Morro da Conceição é uma festa regada com muita batida, churrasco, cerveja e outros acepipes que podem ser degustados no Bar do Sérgio ou no Bar do Beto, na Rua do Jogo da Bola. Ou ainda em ensaios quase misteriosos, e paradoxalmente lotados de muita gente, do bloco carnavalesco "Escravos da Mauá" que animam uma vez por mês as ruas que circundam o sopé desta colina à beira do Largo de São Francisco da Prainha e que expandem em coro com o lírico samba "Quantas lágrimas", de Manacéa, da Velha Guarda da Portela.

E neste jogo complexo de memórias urbanas marcadas por uma nostalgia que nos toma quando aqui pisamos e que nos dá uma doce saudade que nos remete e nos faz viajar a uma Lisboa arcaica que também não é do nosso tempo e cuja trilha sonora deste cenário seria um Fado e os protagonistas somos nós que por ali temos o privilégio de passar, não impunemente. Visitar, flanar e conhecer o Morro da Conceição e, sobretudo, conhecer a sua gente é também sentir-se modificado e perceber como o nosso cada vez mais duro coração urbano vai, paulatinamente, amolecendo e limando suas arestas e a nossa memória (atávica, ancestral e/ou coletiva) vai (re)inaugurando seus recônditos puxadinhos e construindo novas lajes que fazem com que nos reconheçamos em um ambiente que, paradoxalmente, nada mais tem a ver com a correria e com ritmo frenético, competitivo e até beligerante com que a cidade como um todo está permeada à sua volta.

Os sons que (ainda) se escutam por aqui são o canto do galo ao amanhecer, o canto do bem-te-vi e a melodia da ave-maria, gerada na torre sineira da igreja, ao lusco-fusco, pontualmente às 18h. O medo que existe por aqui é dos morcegos, das corujas, das cigarras e o medo de se perder o tempo da delicadeza que, inexplicavelmente, congelou-se por aqui e que vai contaminando positivamente as novas gerações que aqui nasceram ou que se instalaram mais recentemente.

Tenho dito que todos aqueles que tiverem a sorte e a oportunidade de conhecer, passear e visitar este esquecido e desconhecido recanto da Cidade Maravilhosa passarão por uma experiência não apenas pedagógica e nem didática

simplesmente, mas sim por uma experiência formadora. Uma espécie de *paidéia* que nos leva a retomar, vivenciar e fundamentalmente praticar atos simples que o senso comum chamaria de bons atos ou boas maneiras ao que numa só palavra pode-se resumir como algo que queira exprimir "civilidade" e/ou "urbanidade". Feliz o lugar que ainda preserva estes valores e estas qualidades a despeito do tão idealizado progresso que nos circunda e, não raro, nos ameaça com aquela tão conhecida e feroz "força da grana que ergue e destrói coisas belas".

Visitar o Morro da Conceição nos faz conhecer, (re) conhecer e vivenciar um tempo arcaico que não é nosso e sim dos nossos distantes ancestrais que, de fato, construíram estes sobrados e rechearam de vida e impregnaram de memória as ruas deste lugar. É, talvez, esta energia latente de memória contida nas suas calçadas e nas suas paredes que permite que senhores e senhoras de 70, 80 e até quase 90 anos circulem a pé e tenham forças para subir estas ladeiras coloniais.

Mas a nova e a novíssima geração de moradores nascidos no Morro já disse a que veio ao mundo também. Pois improvisar uma lúdica mesa de tênis de mesa, o nosso velho conhecido "ping-pong", com uma porta velha oriunda de alguma demolição e um cavalete para ser jogado no meio da Rua do Jogo da Bola e estabelecer regras dignas de um sério campeonato olímpico é algo que só poderia estar sendo gerado pela criatividade destas crianças que circulam livres, leves e soltas pelas ruas do Morro da Conceição. Sem vídeos-game, sem televisão, sem jogos eletrônicos, sem os celulares de última geração na mão, pois elas são chamadas pelos seus respectivos pais que se põem à janela e sentenciam: "Pedro, Zeca, João, Raquel, hora do almoço, está na hora de vir para casa". E a velha tábua e o cavalete acima mencionado são deixados num cantinho da rua para que no dia seguinte o campeonato possa ser continuado.

Sem carros blindados, sem motoristas, sem seguranças e sem babás, as crianças daqui circulam em suas bicicletas que fazem barulhos ensurdecedores simulando o motor ruidoso de uma motocicleta sem escapamento. Toda esta sonoplastia é garantida pelo simples fato de prender um copo de plástico descartável junto às rodas das referidas bicicletas. Várias bicicletas com este potente assessório já dá para imagi-

nar e até calcular os altos níveis de ruídos que elas podem produzir, com a vantagem de não emitirem monóxido de carbono — como as motocicletas que simulam — na atmosfera que encobre o Morro.

Visitar e conhecer o Morro da Conceição é também perceber que as crianças que garantirão o futuro do lugar, vivem e se divertem muito empolgadas com brincadeiras do passado. Aos fins de tarde quando retornam da escola, ou nos finais de semana, a criançada ganha a rua literalmente. Muitas crianças que, em plena rua e ao ar livre, ainda brincam com bola de gude, jogam futebol com bolas de meia e correm despreocupadamente pelas ruas onde batem papos, soltam pipas e soltam piões, brincam de pique esconde, de pular corda e outras brincadeiras hoje, infelizmente, já desconhecidas pelas crianças que são criadas trancadas em seus apartamentos e *playgrounds* em geral da Zona Sul.

Uma das poucas e principais ruas do Morro da Conceição, a Rua do Jogo da Bola (este poético nome da rua permanece desde os tempos da colônia onde, de fato, havia um jogo da bocha) é uma rua pequena e estreita, onde só passa um carro de cada vez, o que amplia ainda mais, a meu ver, a vocação para a civilidade e urbanidade do lugar; pois alguém terá sempre que ceder a vez ao outro carro que vem em sentido contrário.

É uma rua espremida entre a igreja e a fortaleza. Um lugar de poucos acessos e que, na maior parte das vezes, para chegar lá em cima tem que passar necessariamente pelas guaritas do Exército (na Fortaleza da Conceição) sempre de vigilância no lugar, o que confere e amplia a sensação de segurança que se tem em todo o Morro, como já mencionado anteriormente.

Um lugar que, ao fim do dia e todos os dias, ao crepúsculo, as pessoas põem as suas cadeiras nas calçadas para conversarem e são receptivas aos que passam pela rua em frente às suas casas. Um lugar em que conheço pessoalmente o carteiro (Paulo Roberto) e o padeiro (Marcos), que entregam cartas e pães frescos na minha própria mão. Quando tem em mãos uma encomenda muito grande e que não cabe na caixinha do correio, o carteiro a deixa no Bar do Sérgio, que informa aos destinatários.

Um lugar que as pessoas deixam as portas de suas casas abertas e vivem de forma simples e tranqüila. Um lugar em que todo os dias, às 18 horas, é possível ouvir a ave-maria na igreja — algumas pessoas rezam, como eu já presenciei várias vezes. Um lugar gostoso de freqüentar e onde as crianças que vêm de fora se divertem assistindo a garotada do lugar fazendo brincadeiras simples e bem antigas que elas sequer sabiam que existiam.

No Morro da Conceição — que, a despeito do nome, não é e nem nunca foi uma favela — não há registros de crimes, roubo de carro ou mesmo qualquer outro ato de vandalismo contra o patrimônio público. Pois senão, como diria a urbanista Jane Jacobs, as pessoas estariam todas trancadas em suas casas e não convivendo livre e despreocupadamente nas ruas como fazem por aqui.

Antônio Agenor Barbosa é arquiteto, mestre em Urbanismo, professor universitário e morador do Morro da Conceição.

www.relatorioreservado.com.br

AQUI A INFORMAÇÃO
CHEGA ANTES

ASSINE

Relatório Reservado

INFORMAÇÕES PRIVILEGIADAS QUE
PERMITEM ANTECIPAR MOVIMENTOS

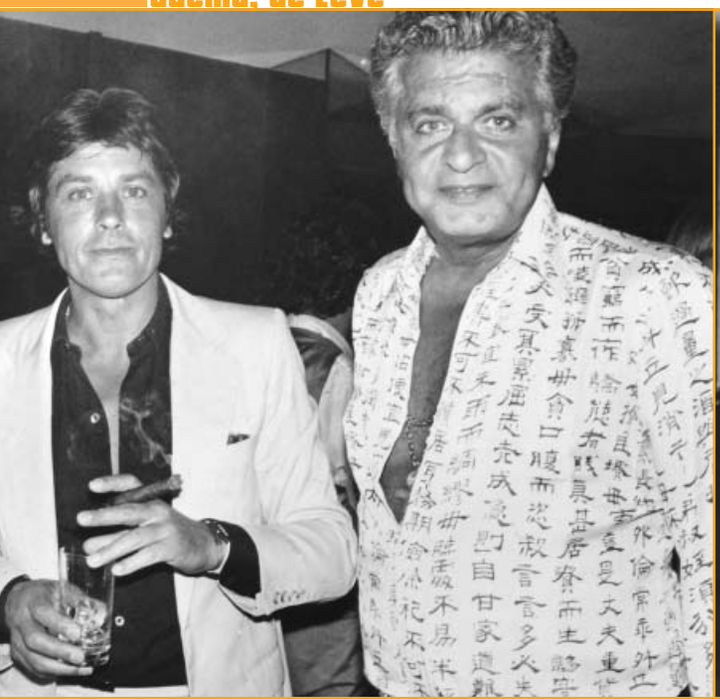
O turco com a cara do Rio

De menino pobre a *Chevalier de la Légion d'Honneur*, a vida do jornalista Ibrahim Sued poderia ser uma das fábulas das mil e uma noites. Mas foi mais que isso: virou samba de breque de Jorge Veiga, personagem de teatro, título de filme e, honra das honras, enredo de escola de samba ainda em vida. De origem árabe, o Turco, como era conhecido, revolucionou o colunismo brasileiro, criando uma verdadeira escola, palavras e expressões que se incorporaram ao vocabulário popular. No próximo ano, sua vida estará nas telas, pelas mãos de sua filha, Isabel e de José Ronaldo Müller, que preparam o documentário "Ibrahim Sued, o repórter". *Sorry*, periferia, mas ele chegou lá.

As histórias são muitas, algumas verdadeiras e outras que são puro folclore. Mas o início da carreira se daria com um fato inesperado que apontava para suas qualidades de repórter. Um beijo clicado por sua câmera. O general Eisenhower viria ao Rio, ainda capital, no início dos anos 1950 para uma homenagem dos parlamentares brasileiros. Chegou ao plenário do Palácio Tiradentes, posou para as fotos clássicas. Terminada a cena, os coleguinhas foram embora. Menos um. Ibrahim Sued. "Fiquei à espera de alguma coisa, que não sabia bem o quê. De repente, Otávio Mangabeira, um dos políticos mais ilustres do Brasil caminhou em direção a Eisenhower, segurou-lhe a mão direita e tascou-lhe um beijo, que resultou em exclusividade para o meu flash", contaria Ibrahim.

No dia seguinte, lá estava a foto sensacional na primeira página de O Globo, e ele nem trabalhava no periódico. Naquela época, graças a alguns amigos na imprensa fazia *free-lancer* e ia, periodicamente, aos campos de futebol, ver o Flamengo, munido de uma câmera, muitas vezes sem filme, que lhe servia de passe-livre.

Na famosa foto de Ibrahim, Otávio Mangabeira beija a mão do general Eisenhower



Ibrahim ciceroneando o ator francês Alain Delon

Autografando seu livro para JK e dona Sarah

Depois disso Joel Silveira o levou na cobertura de um desastre de trem para o jornal Vanguarda. Mais um gol de placa. Resultado, passou assinar uma coluna.Deu o nome de Zum-Zum, em homenagem aos amigos do Clube dos Cafajestes e ao líder deles que tinha morrido, o comandante Edu de Oliveira.

Nos anos seguintes sua movimentação nos jornais cariocas foi intensa. Foi para a Gazeta de Notícias ganhando 500 cruzeiros, depois para o Diário Carioca até receber o convite decisivo para sua carreira. Roberto Marinho o chamou, em 1954, para assinar no Globo a coluna Reportagem Social. O salário era fantástico: 3 mil cruzeiros. Junto com Ibrahim seguia todo um elenco de locomotivas que faziam do Rio uma verdadeira festa.

Ibrahim lembraria sempre um conselho que recebeu de Roberto Marinho: "nunca deixes de ser repórter". Um outro conselho, no entanto, vindo de Baby Bocayuva, diretor de Última Hora, ele ignorou: o de criar um pseudônimo, porque segundo Baby, com aquele nome árabe ele nunca faria sucesso como colunista social.

Mas a pobreza material que o acompanhou na infância e juventude e que tinham dificultado os seus estudos foram alvo de ataques. Causou grande impacto nos meio jornalísticos sua ida para O Globo. Diante da situação, Ibrahim só retrucou aqueles que o caluniavam em "Confidencial" e "Escândalo", órgãos de imprensa marrom. Resolvida essa questão, Ibrahim diria que no geral é melhor não dar bola, "os cães ladram e a caravana passa".

Sobre os erros de português cometidos involuntariamente, como admitia, ele se sentia incomodado. Mas isso durou pouco. "Um dia me dei conta de que aqueles tropeços iniciais tinham se convertido numa característica, naquilo que chamei de meu estilo. Aliás, aqui para nós: qualquer secretária usa bem a crase, mas Machado de Assis virgulava mal, já repararam? De leve."

Ibrahim diria mesmo que era o Guimarães Rosa do jornalismo. Algumas palavras que criou como "cervejota" e "champanhota" estão lá no Aurélio. "Eu trouxe a linguagem coloquial para o

Ibrahim no Desfile Bangu, no fim dos anos 50

jornalismo. Eu escrevo igual eu falo", concluiria.

Aliás as palavras usadas por Ibrahim, ou seus bordões, estão aí até hoje. Como "rebu" — que virou até nome de telenovela — "cavalo não desce escada" e a máxima "não convidem para a mesma mesa fulano e sicrano", usada a partir de 1957 e copiada até hoje.

De concreto é que, em 1995, quando morreu aos 72 anos, Ibrahim já tinha publicado sete livros. Todos *best-sellers*. E ao longo de sua trajetória mereceu citações no New York Times, Washington Post, Life, Paris-Match, Corriere Della Serra e até no Pravda.

Polêmico, sem dúvida, acabou se tornando um personagem. Uma das histórias, nunca provada, dá a dimensão do folclore em torno de seu nome. Em sua primeira ida a Nova York, Ibrahim teria se perdido. Como falar inglês não fazia parte de sua cultura, resolveu apelar para o consulado brasileiro, telefonando de uma das esquinas da metrópole. Para que pudessem buscá-lo perguntaram onde ele estava. Ao que respondeu: "estou na esquina da One way com Don't walk".

A facilidade com que transitava no café society, ele atribuía a sua fase no Clube dos Cafajestes. "Eram rapazes de ótima formação mas que riam das convenções. E eu sempre encarei com espírito leve e com descontração os rituais mais rigorosos da sociedade".

Embora não tivesse nascido naquele meio, Ibrahim já o freqüentava, antes se tornar o repórter daquele mundo mágico. Quando se engajou nos Desfiles da Bangu, já há muito gozava da amizade de Candinha e Joaquim Guilherme da Silveira. Os desfiles quebraram um tabu, trouxeram para a passarela as senhoras e senhoritas da sociedade. Foi um su. E Ibrahim não perdeu a chance de ajudar na divulgação do algodão brasileiro na Europa. No casamento de Grace Kelly, em 1956, levou amostras dos tecidos da Bangu.

Na coluna também ajudou na promoção da Glamour Girl, criou a lista das mais elegantes e trouxe ao país diversas personalidades internacionais. Nos anos 60, Ibrahim admitiria que não havia mais espaço para uma coluna meramente social e enveredou por assuntos políticos, econômicos, artísticos, sempre dando muitos furos. Até internacionais. Alguns deram como certo o fim do seu reinado. Chegaram a dizer que não suportaria seis meses de vida. Mais uma vez a caravana passou.

Como homem de negócios, atuou em diversas frentes. Foi diretor da Associação Comercial, comprou e vendeu obras de arte, lançou com Al Abtibol a Elle et Lui. Montou com Fernando Bôscoli a lanchonete Gigi, em Araruama e até produziu uísque, o Old Lord, que depois seria comprado pela Baccardi. Sobre esta façanha, Ibrahim contava que a iniciativa surgira pela dificuldade de importação do produto. Ele e Bôscoli resolveram, então, trazer o malte e o adormecer. Uma grande festa aguardava o lan-

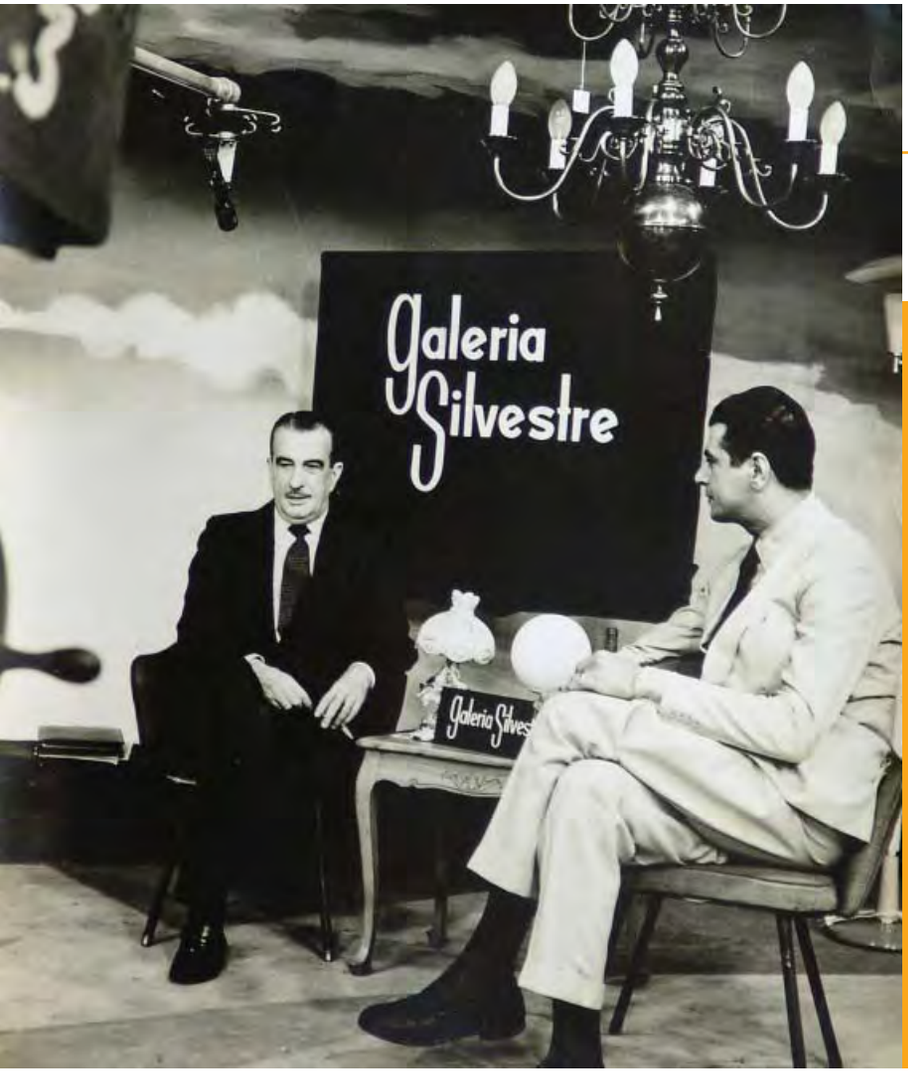
Isabel Sued e José Ronaldo Müller preparam o documentário "Ibrahim Sued, o repórter"

O casamento de Ibrahim e Glorinha foi capa da revista Manchete em 1958

Reza a lenda, que em sua primeira ida a Nova York, Ibrahim teria se perdido. Como falar inglês não fazia parte de sua cultura, resolveu apelar para o consulado brasileiro, telefonando de uma das esquinas da metrópole. Para que pudessem buscá-lo perguntaram onde ele estava. Ao que respondeu: "Estou na esquina da One way com Don't walk"

çamento, mas como ainda estava adormecido não ficou bom a tempo. Em cima da hora, resolveram improvisar. Colocaram o uísque Black & White nas garrafas do Old Lord e serviram como se fosse o próprio. Muitos convidados, com ar de entendidos, torceram o nariz quando provaram a bebida que consideraram inferior a um escocês..

Segundo Ibrahim, sua grande aventura empresarial e a que lhe deu mais alegria foi a produção brasileira de "My Fair Lady", com Victor Berbara, Oscar Ornstein e Rubens Amaral. Na época, chegou a procurar Roberto Marinho para fazer sociedade. E ele respondeu "você está maluco?". Sem dinheiro, fizeram Rubens Amaral assinar um papagaio no Banco Nacional. Com uma produção que envolvia mais de cem pessoas, Ibrahim ainda levou Bibi Ferreira a Nova York para ver Julie Andrews como protagonista



Ao lado, no seu programa de TV apresentado nos anos 60.
Abaixo, com a princesa iraniana Soraya, mulher do xá Rehza Pahlevi

do espetáculo. Alugaram o Teatro Carlos Gomes e foi um sucesso estrondoso. Na estréia, Roberto Marinho disse a ele: "Vocês vão ganhar dinheiro". E ganharam.

Foi ainda compositor efêmero, tendo como parceiro mais constante Mário Jardim ("Amor não é brinquedo", "Se um dia", "Amor em Paris", "Ciúmes", "Solidão" e "Debutante") e gravadas nas vozes de Cauby Peixoto, Bill Farr, Ester de Abreu e Neusa Maria.

Entre os discípulos que fez ao longo da vida estão Elio Gaspari, Fernando Carlos de Andrade, Ricardo Boechat e muitos outros. Segundo Boechat, que era repórter iniciante no Diário de Notícias em 1970 e foi trabalhar com o "Turco", o colunista criou a única escola genuinamente brasileira de jornalismo, além de ser generoso e solidário com os amigos, sabendo ajudar sem esperar qualquer reconhecimento.

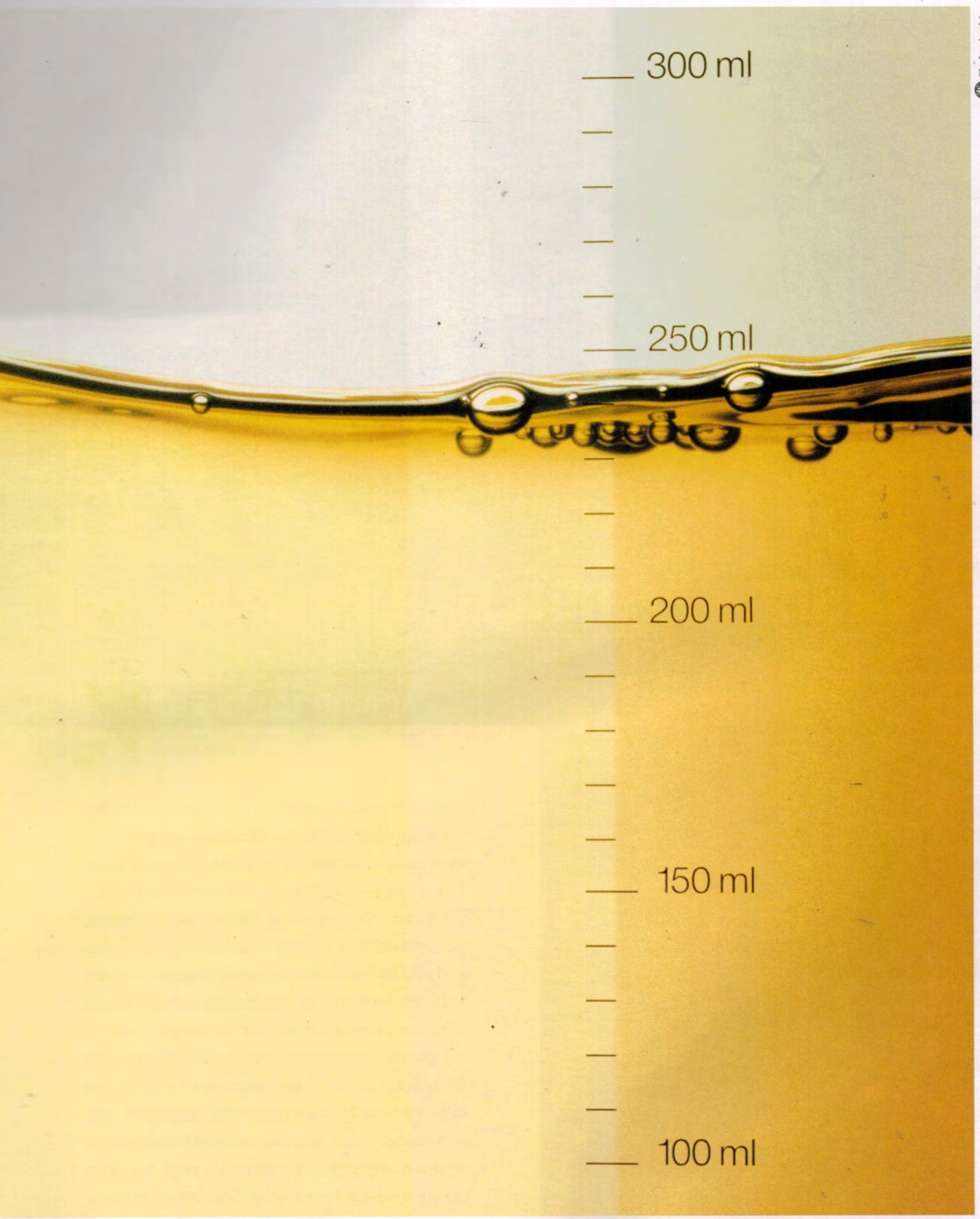
"Ele dava esporros homéricos. Existia a chamada 'lista da geladeira', de nomes que estavam vetados de sair na coluna. Em certa época um deles era o da Xuxa. Ou seja, se o Ibrahim estivesse viajando e nós soubéssemos em primeira mão que o Príncipe Charles havia pedido a mão da Xuxa em casamento, nós nunca poderíamos dar a notícia".

Segundo Boechat, Ibrahim dedicava aos grandes furos o mesmo espaço reservado para algum comentário sobre a festa onde estivera na véspera ou à conversa que tivera com uma pantera do *high society*.

Pai de dois filhos, Eduardo e Isabel, Ibrahim diria a certa altura: "sou oriundo de Biblos, cidade que já era assunto quando o Velho Testamento estava sendo escrito. Por isso é que eu digo: tenho sete mil anos de sangue-puro". É, agora que vocês estão bem informadinhos, ademã.

É assim que nós acompanhamos
a qualidade do nosso combustível.
De perto, muito perto.

A Petrobras Distribuidora verifica minuciosamente cada um de seus produtos e serviços. Por isso tem
a armazenagem e a limpeza de tanques e filtros. Onde tem a marca De Olho no Combustível da Petr



mbustível, que testa e analisa todos os combustíveis, acompanha o transporte,
alidade nos mínimos detalhes. SAC: 0800 78 9001 - www.br.com.br

BR PETROBRAS
O DESAFIO É A NOSSA ENERGIA

Nunca fomos tão felizes

por Maria Lucia Dahl

Aos 9 anos de idade saí da casa de Botafogo. Uma chácara, como se usava antigamente, com galinheiro, horta, gramado, jardins, gambás e algumas cobras.

A cozinheira chorava. Eu engolia a tristeza, pois estava indo pra Av. Atlântica, aquela da década de 50, portanto, segundo meu pai, deveria estar muito feliz. Mas não estava, porque a casa da Visconde Silva com seus fantasmas, ladrões de galinha e os onze cachorros faziam parte de mim. Subia o morro que passava pela horta e ia falar sozinha com minha amiga imaginária, que se chamava Vêla. Quando minha irmã descobriu o seu nome debochou tanto de mim que Vêla desapareceu para sempre. Sozinha, comecei a achar que voava. Olhava lá de cima da varanda e pensava que em vez de descer pela escada, po-

deria me atirar até o jardim, mas algo me protegia fazendo-me imediatamente pensar que mamãe ficaria furiosa se eu o fizesse. Mas na minha cabeça eu voava. Por cima do jardim.

Foi muito triste o dia da saída da casa. Fingi pra mim mesma que estava contente. Mas não estava. Mamãe falava do mar. Gostava dele, mas o difícil era a mudança. Em todos os sentidos. Deixar os jardineiros: Mané Escuna, que antes de mamãe acabar de mandá-lo fazer alguma coisa, já saíra correndo pra cumprir suas ordens, Seu Manoel I e Seu Manoel II... O duro mesmo foi largar a cachorrada e acho que me controlei de uma tal forma que não me lembro de ter-me despedido deles. Conosco, só foi a Caçula, uma basset gordíssima que vivia com o ralo do banheiro na boca.

Também deixaria minhas amigas escurinhas que viviam pelas casas de cômodo dos arredores. A maior delas se chamava Olaria (onde é hoje o Ibam), cheia de personagens bizarros. A velha Lotéria, que tinha bócio e passava falando sozinha com o pescoço enorme, arrastando as sandálias enquanto a garotada gritava: "Loteria Federal!".

Tinha os garrafeiros com sotaque de português, os afiadores de faca fazendo vibrar um som rascante enquanto dobravam, pra um lado e pro outro, a lâmina dos facões, os vendedores de pirulito, Dona Maria dos Ovos, que não tomava banho, o vendedor de mel, o homem do realejo com o periquito que tirava a sorte com o bico, a coisa mais linda que já vi, o vendedor de garrafas que gritava: "garrafeiro!" .Tudo portu-

guês. Só o mendigo era brasileiro, negro, e envolto em cobertores, chapéu na cabeça e um prato na mão com níqueis balançando dentro.

Um hospício na esquina da rua fazia com que vários malucos a habitassem pra que a família ficasse por perto. Tinha a mulher que, em crise, jogava as jóias pela janela, cuja mãe, invariavelmente aparecia para catá-las e o doido do outro lado que ameaçava jogar o cachorro na cabeça de quem passasse em baixo de sua sacada. Depois tinha minha amiga Heloisa, dona de um cãozinho lulu, o Benedito, que uma vez foi atirada na tina de água das galinhas, num acesso de ciúmes de Marlene, sobrinha da empregada. Mamãe ficou indignada e botou Marlene pra fora enquanto eu olhava o *short* molhado da Heloisa que ficou transparente e entrando no corpo. Tinha as meninas Pareto e as Santos Dumont.

A sala de música com o piano de cauda de papai e o escritório com o piano sem cauda de mamãe. Num, eu ouvia *Quiças, quiças, quiças*, executado por papai, que só tocava de ouvido, *El Manisero, Bonequita linda* e *"Oh, how we danced in the night we were young*"... com o professor americano, ambos enchendo a cara de uísque. Adorava essas músicas, as primeiras que conheci ao vivo e a cores, fora as da vitrola que tocava Xavier Cugat,e canções cubanas que meus pais traziam da Tropicana, em Havana *"Rhum and Coca-Cola I wanna a cubana..."*

Já minha mãe, tocava por música, lendo Chopin e Debussy, no escritório, em cima daquele banquinho que aumentava e diminuía de tamanho. Tinha também o violão Di Giorgio feito à mão, do papai, e Luiz Alan, que dava aulas de solo, tocando valsas. Tinha a babá que esperava comigo no portão o ônibus do Colégio Sion enquanto eu acabava de comer o pão com catupiry.

A sala de jantar, quase sempre fechada, a não ser para receber visitas de cerimônia. Foi nesta sala que minha irmã viu o fantasma de uma mulher negra, de chapéu, contando os pratos brazonados das paredes.

— Onde, minha filha?

— Ali mamãe.

Já as visitas de casa, ficavam na varanda, onde se tomava chá. As duas irmãs de vovó: Chlotilde, casada (pela segunda vez!) com Lourival, o Lorí, que gostava de ler *A Careta*, e Mathilde, muito dramática, sempre falando de doenças, mortes. As três irmãs, vovó, Chloé e Titide, de chapéu de véuzinho no rosto, vestido de seda de bolinhas, placa de brilhantes na gola pegavam bonde, onde liam nas paredes o versinho do Rhum Creosotado, escrito por meu bisavô, Ernesto de Souza:

Veja ilustre passageiro
O belo tipo faceiro
Que o senhor tem a seu lado
E no entretanto acredite
Quase morreu de bronquite
Salvou-o o Rhum Creosotado.

À noite tinha o quarto de vovó contíguo ao nosso, lendo Monteiro Lobato e cabeceando de sono em meio às Reinações de Narizinho.

Tinha também a empregada que uma vez recebeu um santo e vovó foi informada pelos vizinhos que estavam entrando vários homens na casa com paus na mão pra tirar o " encosto".

Também entrou um ladrão no jardim que gritou por socorro porque o Dick, pastor alemão furioso, obrigou-o a subir na mangueira, de onde não podia descer, o cachorro rosnando embaixo. Papai pegou o revólver de cabo de madrepérola que se escondia entre suas meias arrumadas em bolinhas na gaveta e deu um tiro pro alto. O cachorro se afastou, o ladrão agradeceu e foi embora.

Na rua próxima a nossa, a Visconde Caravelas, tinha a costureira Dona Heloína, que nos fazia vestidos de organdi, que pinicavam os braços: rosa pra mim, azul pra minha irmã.. Para as roupas caseiras, a Xite! Isso mesmo: Xite, ou Chite, quem sabe? Essa costurava lá em casa numa época em que havia poucas ou nenhuma loja pra criança e até mesmo pra adultos.

Deixei tudo isso pra traz e comecei outra vida, já quase adolescente, na Av. Atlântica.

O apartamento, de vista pro mar do Posto Seis, não tinha fantasmas, mas eles permaneceram algum tempo na minha cabeça, o que me fazia correr com o travesseiro na mão pro quarto de vovó e dormir agarrada com ela.

Também tinha muito medo do mar. As ondas do posto seis eram imensas e como minha irmã as furava e pegava jacaré nelas, eu a copiava tremendo de angustia e achando que nunca mais conseguiria voltar. O mar puxando, a areia se afastando, as ondas se formando uma atrás da outra, papai, furioso, chamando da praia. E os vários caldos, a sensação de morte, sem respirar, sem conseguir voltar.

Um dia o cação comeu a perna do menino. Vi a mancha vermelha que ficou no mar

O sol do meio-dia fazia queimar as solas dos pés que pulavam ardendo à procura das sombras dos postes.

Caçula fazendo buracos na areia enquanto eu construía castelos que o mar levava, fazendo todo o mundo correr carregando as toalhas.

— Olha a boa! Gritavam os meninos pegando jacaré.

Na vitrola da sala já se tocava Edith Piaf, Yves Montand... *"Que reste-t-il de nos amour*s..." além dos discos que a cozinheira me dava: Luiz Gonzaga, Dalva de Oliveira ." *Que será da minha vida sem o teu amor*..." Papai vinha ouvi-las comigo e

as tirava no violão que comecei a aprender com o Patrício Teixeira. Baiões, sambas-canção, Noel Rosa, Ekel Tavares...

Foi coisa feita, foi mandinga, foi maleita que nunca mais endireita...

No quarto da cozinheira, a coleção de Revistas do Rádio, suas fofocas e entrevistas com as celebridades da época, Gosto e não gosto.

— O que é que você mais odeia no mundo?

— Sapato apertado.

Os lanches na Colombo de Copacabana com mamãe, onde eu comia pilha de sanduíches fininhos, olho de sogra, guaraná e levávamos um bolo Rivadávia pro papai, antes de ele ficar diabético.

O primeiro namorado de minha irmã, o Theo, de 17 anos, andava em cima do balaústre da varanda com os braços abertos, no oitavo andar. Eu ficava sem fôlego.

Depois, minha primeira paixão, que parecia o Marlon Brando, forte, de topete. Os olhares eram trocados no Arpoador. Posto Seis, só durante a semana. Vovó de binóculo lá de cima, controlando a gente e eu controlando os *brotos* lá embaixo. O biquíni branco de bolinha vermelha até a cintura, com cós e fecho éclair. Sucesso no Arpoador.

Sábado á tarde, o filme do Metro com ar de montanha e uva caramelada na porta, e o chamado "Caminho dos elefantes" apelido do trajeto que ia do Bob's, pra se tomar *hot-fudge* e paquerar os rapazes, passava pelo Scaramouche pra mais uma paquerada, e a última esticada no final da noite (que acabava às sete), no terraço do Hotel Miramar onde já rolava uma cuba-libre. Fora do "Caminho dos Elefantes", apelido dado em homenagem ao filme homônimo, o Cinema Astória no terceiro andar, onde dei meu primeiro beijo. No tal Marlon Brando. Achei meio estranho, mas depois fiquei apaixonada. Mas ele era um rapaz mais velho, tinha 21 anos e desejava mais do que um beijo meu, o que não havia possibilidade, na flor dos meus quatorze anos de idade.

"Depois, minha primeira paixão, que parecia o Marlon Brando, forte, de topete. Os olhares eram trocados no Arpoador. Posto Seis, só durante a semana. Vovó de binóculo lá de cima, controlando a gente e eu controlando os *brotos* lá embaixo."

"Sábado à tarde, o filme do Metro com ar de montanha e uva caramelada na porta, e o chamado "Caminho dos elefantes" apelido do trajeto que ia do Bob's, pra se tomar *hot-fudge* e paquerar os rapazes, passava pelo Scaramouche pra mais uma paquerada, e a última esticada no final da noite (que acabava às sete), no terraço do Hotel Miramar onde já rolava uma cuba-libre."

Foi do terraço do Miramar que levei meu primeiro fora. Do tal Marlon Brando.

— Estou namorando uma baiana que faz tudo o que eu peço.

Peguei o elevador chorando até o térreo. Fui pra casa sentindo uma dor fulminante, que não conhecia. Chorei a noite inteira achando que ia morrer.

Foi do Miramar também que vi o incêndio do Vogue. As labaredas subindo pelo prédio, e nós todos na varanda boquiabertos. Cheguei em casa às oito em vez das sete e vovó estava passando mal por minha causa.

Eu nunca tinha ido ao Vogue, mas minha irmã já e lá conhecera o cantor americano Warren, que estava hospedado no hotel e morreu.

Conheci o Sacha's, que fui com papai e mamãe comemorar meu aniversário de 15 anos, e também a boite do Fafá Lemos, no Beco das Garrafas. O Fafá tocava violino, e a gente dançava. Nesses lugares eu tomava Manhattan ou Daikiri.

Freqüentava-se também o Drink, onde Miltinho cantava "*Foi assim, a lâmpada apagou, a vista escureceu e um beijo então se deu...*". Tinha também Djalma Ferreira tocando órgão e muita cuba-libre. Os primeiros cigarros, Hollywood sem filtro, só pra fazer charme e ficar enjoada depois. Os sapatos de perlé, os vestidos do Joãozinho Miranda, de frente única.

Os primeiros *réveillons* olhando as *macumbas* da janela. A copeira tremendo, recebendo, santo.

A vida era uma festa.

Depois foi assim: a lâmpada apagou, a vista escureceu e a festa acabou lá fora, mas sua trilha sonora continua dentro de mim: suave como o som do realejo ou dilacerante como a do afiador de facas.

Maria Lucia Dahl é atriz e escritora.

Ventura carioca

São quatro mosqueteiros da cultura: Zuenir, Mary, Mauro e Elisa Ventura. Cada um a seu jeito e maneira exerce com fulgor a missão de escriba e editor das graças e manhas desta cidade. São destemidos espadachins das melhores letras do nosso tempo. A foto publicada ao lado não mente: dá gosto vê-los unidos e sorridentes, zelando por todos nós.

Carioquice — Zuenir é mineiro...

Zuenir — Mas a Mary é carioca...

Mary — Sou descendente de poloneses, uma colônia que, chegando ao Rio, se instalou na Praça Onze. Então nasci na raiz do samba. Fui criada no Catumbi, e depois fui para a Tijuca.

Mauro — Nascemos na mesma maternidade do Chico Buarque, ali no Catete, e fomos criados na Urca, até os 9 anos. Era uma delícia, parecia cidadezinha do interior do Rio de Janeiro.

Carioquice — Era a época dos famosos torneios de futebol de botão?

Zuenir — É mesmo, exatamente lá na Urca.

Mary — E onde fazíamos os almoços onde iam a Gal, o Paulinho da Viola, uma turma toda de Ipanema...

Carioquice — Em que rua vocês moravam na Urca?

Mary — Rua Otávio Correia, 84. Era um sobradinho.

Zuenir — E ali era um lugar onde a porta tinha só um trinco, que você enfiava a mão por uma portinhola e abria. Era assim dia e noite. E nunca houve nenhum assalto, nenhum sobressalto. Era realmente uma tranqüilidade.

Mauro — Meu pai nos levava para pescar, ali nas pedras.

Carioquice — Vocês pescavam mesmo?

Mauro — Comíamos muito marisco...

Carioquice — Vocês ainda jogam botão?

Zuenir — Não... Eu tinha um time desde pequeno, com botões que eu mesmo tinha feito. Tinha um jogador que era de casca de coco e que deu muito trabalho para fazer. Mas esse time sumiu, acho que roubaram, e fiquei muito desgostoso. As pessoas me consolavam. Até o Chico Anísio ligava pra mim... Eu jogava até com o Leon Hirzmann, que era nosso vizinho. Uma vez o Leon apareceu com o Gato Barbieri, um grande músico. E ficamos jogando botão a noite toda. Nossa casa era meio *point*, me lembro do Gabeira, do Paulo Francis, do Glauber. O Jabor, que era vizinho, também. Aquela coisa da casa sempre aberta, quem passava sabia que a gente estava, e subia.

Elisa — Nós mudamos para Ipanema quando eu tinha 15 anos, não foi?

"Quando os meninos já eram grandes, vivíamos na praia. Chegávamos ao meio-dia e ficávamos até as sete da noite. Nossa turma, ali na Farme de Amoedo, era conhecida como Cemitério dos Elefantes"

Mauro – Não. Foi antes, pois eu tinha 9 ou 10 anos.

Carioquice – Zuenir, você chegou aqui na década de 50. Como foi essa sua primeira impressão do Rio?

Zuenir – Eu era bem garoto, tinha uns 8 ou 9 anos. Cheguei com meu tio e atravessamos a Baía de Guanabara, porque meus pais moravam em Friburgo e na época esse era um caminho para lá. Lembro que eu entrei em pânico porque comecei a ouvir gritos de "baleia, baleia". E no meu imaginário baleia era aquela coisa bíblica que engolia as pessoas. Eu olhava em volta e ninguém estava assustado, e o cara continuava gritando "baleia". Meu tio viu que não me acalmava, levantou-se e mostrou a origem de meu pânico: um menino gritando "baleiro, baleiro". Essa foi a minha primeira impressão do mar... Mas eu quando cheguei aqui fui morar em Vila Isabel, depois é que eu morei no Leblon. As crianças foram criadas na praia.

Elisa – Nosso quintal era a praia, todo dia. Durante uma boa parte era o dia inteiro no mar. Quando nos saturamos era o dia inteiro na areia, não entrávamos mais no mar. E agora acho que já tem uns dez anos que eu não vou à praia.

Mauro – Eu não ia a praia há muitos anos e, há poucos dias vi como estava descontextualizado. Imagine que fui encontrar uns amigos, levei minha toalha e comecei a fazer travesseirinho de areia. Aí as pessoas me disseram: "ô cara, isso não usa mais não". (risos)

Carioquice – Você, Mary, fez jornalismo e trabalhou no Jornal do Brasil, Foi onde conheceu o Zuenir?

Mary – Não... Eu trabalhei em A Noite e na revista Pais e Filhos, e depois fui para a Tribuna da Imprensa. Foi onde nos conhecemos, em 1961. Depois veio o golpe de 1964, aquela coisa toda, os filhos nasceram (Mauro em 1963 e Elisa em 1964), e depois então fui para o Jornal do Brasil, onde fiquei dez, onze anos. O Zuenir continuou na Tribuna.

Zuenir – Quando eu fui para o Jornal do Brasil a Mary já tinha saído. Depois o Mauro foi para o JB e trabalhamos juntos, em editorias diferentes.

Carioquice – Mauro, você já tem vinte anos de jornalismo?

Mauro – Era para ter até mais tempo de profissão, se não tivesse feito engenharia antes.

Carioquice – Elisa, você é a única na família que não quis ser jornalista, não é?

Mary – A Elisa fez vestibular mas não seguiu. Passou, entrou na faculdade e com dois meses trancou a matrícula. Decidiu fazer música e foi para Berkeley.

Elisa – Fui trabalhar com produção musical, onde fiquei vinte anos. Nos últimos seis, sete anos ainda fiz algumas coisinhas, como no Jazzmania, mas parei. Passei a me dedicar a um novo projeto na área editorial com a Aeroplano.

Carioquice – Quando o casal se conheceu, quais eram os bons programas no Rio, e quais ficaram na memória?

Mary – Íamos muito ao Degrau. Tínhamos uma patota enorme que ia para o restaurante toda a

"O Rio tem uma capacidade de dar a volta por cima, de enfrentar as adversidades econômicas, sociais. Quando você pensa que ele está no fundo do poço, as pessoas inventam alguma coisa. Aqui a criatividade é muito grande"

noite. E também ao Salgueiro, lá em cima no morro, porque ainda não tinha a quadra. Mas logo depois veio o golpe de 1964, e mudou tudo... Depois, quando os meninos já eram grandes, vivíamos na praia. Chegávamos ao meio dia e ficávamos até as sete da noite. Nossa turma, ali na Farme de Amoedo, era conhecida como Cemitério dos Elefantes (risos).

Zuenir — Eu me lembro que a gente ficava muito dentro de bar, batendo papo, discutindo política, passava às vezes a noite batendo papo em botequim, num bar. Também íamos ao Álvaro's, que ficava em frente ao Degrau.

Mary — Na minha época de solteira, por exemplo, um dos programas era o Beco das Garrafas. Passávamos as tardes de domingo em *jam sessions* e depois íamos para o Salgueiro... Eu também era muito ligada ao pessoal da Bossa Nova. Era amiga, meio vizinha, da Nara Leão. Freqüentava o apartamento na Avenida Atlântica, em Copacabana. Eu morava na Rua Constante Ramos.

Zuenir — Você também estava nos shows do Teatro de Arena...

Mary — No Teatro de Arena, no anfiteatro da faculdade de Arquitetura, na Praia Vermelha...

Zuenir — Esse show foi o grande show fundador da Bossa Nova.

Mary — Estavam no show o Roberto Menescal, Carlinhos Lyra, Wanda Sá... Realmente tive a chance de ter participado de todos os movimentos culturais do Rio. Eu era ligadíssima ao Cinema Novo por causa do Leon, meu amigo de infância. Também era muito ligada ao Glauber, a todo mundo. Fui diretora de um cineclube na faculdade de Filosofia que era o único a ter uma cópia de "O Encouraçado Potenkim". Então só podia passar uma vez por ano, para não gastar... Ao mesmo tempo também fazia muita política, fui da diretoria da UNE. Em 1956 fizemos uma greve contra o aumento das passagens de bonde. Deitávamos sobre os trilhos, na porta da UNE, e não deixávamos o bonde passar.

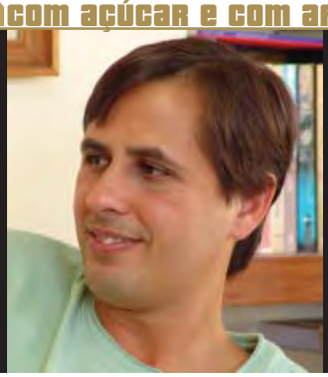
Carioquice — Recentemente vivemos quase muitas semanas de chuvas. O Rio sobrevive à falta de sol?

Mauro — Que falta que faz o azul nessa cidade. O Rio também não tem um plano B. A gente vive muito de sol e céu azul. Não é que nem cidade européia em que você tem uma oferta imensa. O turista que chega aqui e não está sol, não tem tantas opções. Tem vários lugares que eu adoro: o CCBB, o Paço Imperial, muitos lugares bons.

Elisa — Os dias de chuva no Rio são ótimos para mim. Adoro o Rio com chuva. Cinema, livrarias, cafés.

Carioquice — E para vocês da nova geração, quais são os grandes programas na cidade?

Mauro — Ah, tomar um chope no Informal, que tem um colarinho perfeito. O Jobi, Caroline, o Cervantes, a Pizzaria Guanabara. O "podrão", que é o cachorro-quente do seu Oliveira ali no Humaitá. Maravilhoso. E para dançar, claro, a Lapa. No Rio Scenarium, no Carioca da Gema. E não pode faltar o Capela para jantar. Na madrugada é perfeito.



"Ah, tomar um chope no Informal, que tem um colarinho perfeito. O Jobi, Caroline, o Cervantes, a Pizzaria Guanabara. O "podrão", que é o cachorro-quente do seu Oliveira ali no Humaitá. Maravilhoso"

Elisa — Minha vida é no Leblon. Só saio de lá para trabalhar. Como não bebo, meu programa é mais para um café na Argumento e no frio, as sopas de lá. Até me ligam para avisar quando tem sopa. O Sushi Leblon, o Ateliê Culinário e tudo o que tem no bairro.

Carioqui ce — Zuenir, você caminha na praia pela manhã?

Zuenir — Não tenho hora para andar, é a qualquer hora. Não é tanto uma coisa física, mas sim para agitar minha endorfina, para me inspirar. Se é que eu já tive alguma boa idéia, foi no calçadão...

Carioquice — De boné e óculos escuros?

Zuenir — Não!

Mauro — O Rio não é deslumbrado. Alguém estava me falando que o Reynaldo Gianecchini estava saindo da academia, aqui no Rio, de boné e óculos escuros, todo escondido. Alguém falou: "Ô mané, pára com isso, você está no Rio".

Carioquice — O carioca não se incomoda, não é mesmo?

Mary — É até meio *blasé*, não é? O Rio tem essa coisa, deixa todo mundo ficar à vontade.

Mauro — Meu lugar para espairecer é o Aterro, onde jogo basquete há mais de vinte anos. Tenho uma turma muito democrática: um é boy, outro é fiscal do BNDES, outro é engenheiro, outro é advogado, uma mistureba danada. É bem a cara do Rio.

Elisa — Para mim, jogar vôlei à noite na praia do Leblon é tudo de bom. Não há nada melhor. E, de manhã cedo, jogar tênis nas quadras da Lagoa.

Carioquice — Zuenir, conte-me um pouco sobre ter sido um dos fundadores da Esdi.

Zuenir — Era época do governo Lacerda e o Flecha de Lima, que era secretário de educação me chamou para participar da criação da Escola de Desenho Industrial. Era uma coisa inteiramente nova, no Brasil e na América Latina, e numa atividade que as indústrias não conheciam. Juntava o Karl Heinz Bergmuller, que vinha da escola alemã de Ulm e o artista plástico Aloísio Magalhães. Acho que foi uma daquelas coisas que no Brasil acontecem antes do tempo, mas era o espírito da época. Costumo dizer que a Esdi foi para o design o que a Bossa Nova foi para a música. Na época não sabíamos se ia dar certo. E deu. Uma escola de vanguarda num dos bairros mais tradicionais do Rio, a Lapa.

Carioquice — Algum novo livro, Zuenir? As filas e filas em alguns de seus lançamentos marcaram história, como "1968, o ano que não terminou"...

Zuenir — O que teve de gente depois reclamando, como se a culpa fosse minha, de esperar duas horas e não conseguir o autógrafo... Aquela foi a penúltima vez. Depois foi o "Cidade Partida", outra loucura, no Museu da República. E aí eu falei: nunca mais. Eu me lembro de uma senhora, com um problema nas pernas, que disse: "Estou há duas horas aqui na fila. Estou ótima, estou por prazer e tal." Fiquei tão sem jeito, sabe? Foram seis ou sete horas. A certa altura eu fui banheiro fazer pipi e quase foi nas calças. Imagina...

"Minha vida é no Leblon. Só saio de lá para trabalhar. Como não bebo, meu programa é mais para um café na Argumento, e no frio, as sopas de lá. Até me ligam para avisar quando tem sopa"

Carioquice – Mas tem algo novo vindo por aí?

Zuenir – Eu tenho na verdade dois compromissos, duas editoras. Não sei o que vou fazer primeiro, é uma disputa, estou na maior "saia justa".

Carioquice – Como foi trabalhar no documentário sobre Paulinho da Viola?

Zuenir – Foi uma das melhores coisas que eu fiz, e faria tudo de novo. Embora, uma dia na casa do Zeca Pagodinho, eu tenha dito para a Isabel Jaguaribe "Olha, vamos combinar uma coisa: nunca mais você me pega para fazer isto. Nunca mais". Nem é por virar a noite, porque jornalista está acostumado. É por causa daquela coisa de perder belas cenas porque na hora a câmera não está ligada. Mas depois que acabou ficou um filme maravilhoso. O Paulinho é uma figura incrível.

Mary – Participamos de todos os lançamentos do filme em outras capitais, como Porto Alegre e São Paulo. A reação do público era de paixão absoluta pelo Paulinho.

Carioquice – E você, Mauro, não se aventura a escrever um livro?

Mauro – Já fui convidado por três editoras. Uma me pediu umas crônicas do Rio; outra, qualquer coisa sobre a cidade. E a terceira disse que o tema pode ter o Rio ou não... Aí eu tenho que sentar para escrever. E o jornalismo me consome muito tempo.

Zuenir – Você não vai fazer com a editora da sua irmã?

Mauro – Eu preciso receber o convite (risos). Tem outro livro que eu quero escrever e que ainda não tem editora nenhuma... Mas aí entra a violência do Rio, é o cenário. É um período da história do Rio, de 1995 para cá, onde aconteceram certas situações muito específicas da cidade. Meu projeto, mesmo, é escrever crônicas de botequins, bares. Se conseguisse tocar ao menos um, já ficaria feliz.

Carioquice – E a sua livraria, Elisa?

Elisa – Eu administro uma livraria para o Instituto Moreira Salles no Espaço Unibanco Artplex, ali na Praia de Botafogo. E tenho também minha própria livraria em sociedade com a Lucia Houaiss, na galeria do cinema São Luiz. Dá muito trabalho, mas é muito prazeroso também. Só não dá tempo de ler todos os livros que chegam, como as pessoas pensam. Até gostaria, mas com duas livrarias e mais a Editora Aeroplano, não dá.

Carioquice – O Arteplex não seria um bom exemplo de um reaquecimento cultural? De uns anos para cá o Rio passou a ter mais fôlego com iniciativas como essa?

Elisa – Acho que o Arteplex tem esse mérito. É um lugar bacana, legal, bonito. Eles querem uma coisa mais transadinha, mais chique. E ali, pela localização, se tem todo tipo de público. É supereclético.

Zuenir – O Rio tem disso, a capacidade de dar a volta por cima, de enfrentar as adversidades econômicas, sociais. Está sempre reinventando. Veja o que acontece hoje na Lapa: é um exemplo de um dos grandes renascimentos do Rio. O Rio vai dar a volta por cima.

Imagens de um amor eterno

Fotos: Coleção Ermakoff

Todas as paisagens do Rio estão gravadas no coração e na retina de George Ermakoff. Pense em um canto qualquer da cidade até os idos de 1930. Pensou? Pois o registro fotográfico com toda certeza estará na coleção deste ardoroso amante das praias, montanhas, rios e monumentos desta terra de encantos mil. Ermakoff é a própria lente do Rio.

Um passeio casual a Santa Teresa iria despertar em George Ermakoff uma paixão que já dura oito anos e que o transformou em um dos maiores colecionadores de fotos sobre o Rio de Janeiro, além de produzir três livros e já estar com mais dois nos forno, prestes a serem lançados. "Fui a uma exposição e depois me deparei com uma feirinha, uma pequena quermesse, onde havia uma moça com uma barraquinha de postais do Rio do início do século. Sempre fui um apreciador das imagens do Rio antigo, mas nunca tinha me aventurado na compra. Nesse dia, no entanto, comprei todos os cartões que ela vendia, que eram parte da coleção de seu avô", conta Ermakoff.

Foto inédita do próximo livro de George Ermakoff: uma panorâmica do Rio, feita do Morro do Castelo, por volta de 1885

"Gastei muita sola de sapato, muitos sábados e domingos atrás de uma foto. Às vezes não se encontra absolutamente nada e, em outras, uma verdadeira jóia"

George Ermakoff

Avenida Niemeyer

Daí para a frente passou a colecionar fotografias do Rio, mais interessantes que os postais, segundo ele, por terem início em 1840, ao contrário dos postais que datam do início do século 20. O périplo às feirinhas de antiguidades acabou por levá-lo à Europa e aos Estados Unidos, onde existe uma boa oferta de imagens do Rio do século 19. "Gastei muita sola de sapato, muitos sábados e domingos atrás de uma foto. Às vezes não se encontra absolutamente nada e, em outras, uma verdadeira jóia".

Mas a garimpagem já lhe rendeu bons momentos como quando estava fazendo seu primeiro livro, "Juan Gutierrez – Imagens do Rio de Janeiro de 1892/1896" (Editora Capivara), sobre o fotógrafo aventureiro que se estabeleceu aqui em 1889. Foi amigo de Bilac e de outros intelectuais e acabou morrendo tentando fotografar a Guerra de Canudos. As buscas por imagens e informações sobre Gutierrez o levaram a Paris por duas vezes. Na primeira, conta Ermakoff, ele se deparou com um lote de fotografias recentemente adquiridas por um *marchand* e que seriam motivo de uma exposição dentro de alguns meses. "Consegui convencê-lo a me ven-

Posto 6, em Copacabana

Pão de Açúcar

der todas as fotos e a exposição nunca existiu", conta feliz.

Na segunda vez, ainda em busca de mais informações e com a dificuldade de obtê-las, disse que chegou a pensar se Gutierrez, onde quer que estivesse, não se compadeceria de toda a mão-de-obra que estava causando. Mais uma vez a casualidade foi madrinha. Ao entrar em uma galeria, deparou-se com várias fotos expostas. "Numa delas, estava uma legenda 'ponte no Rio de Janeiro'. E nunca existira tal ponte. Ao retirar a foto da moldura certifiquei-me que era São Paulo. Ou seja, além de conseguir um lote de fotos maravilhoso, ainda consegui, talvez, a única foto feita por ele em São Paulo. Sem dúvida, Gutierrez me atendeu!" (ri)

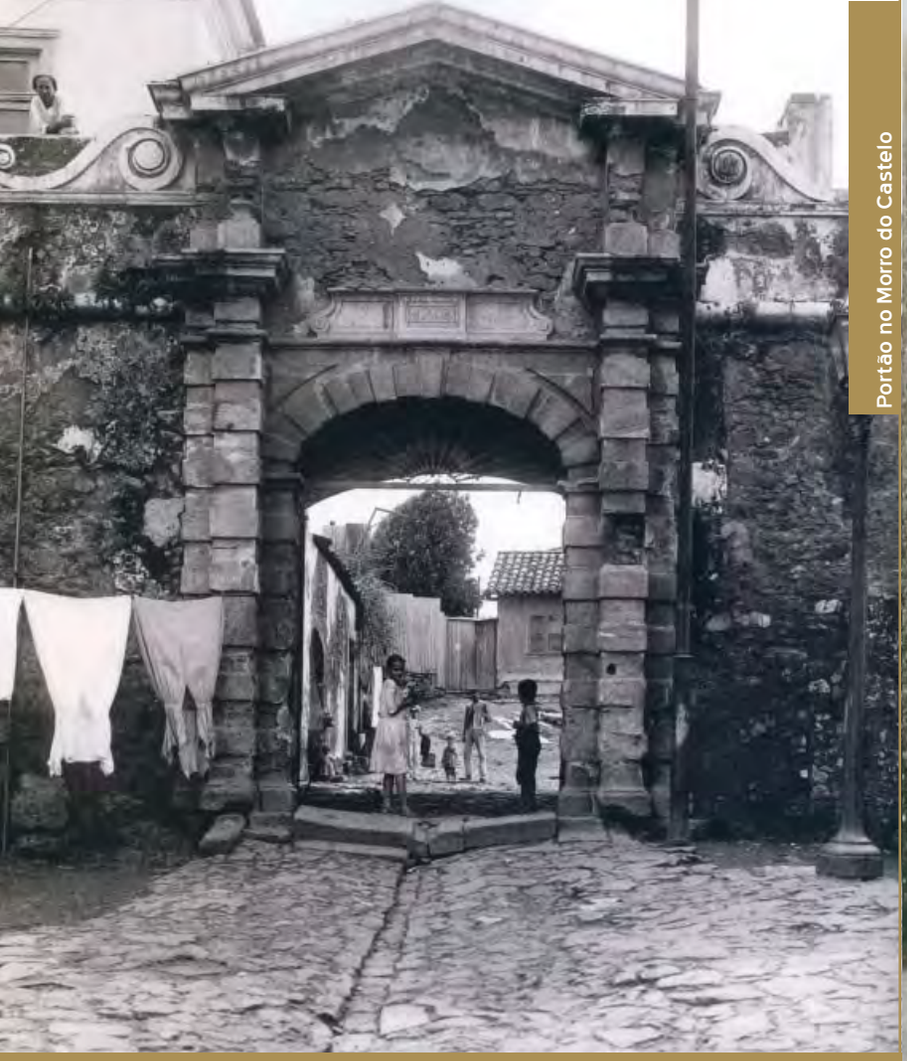
Mas histórias como essas não faltam. Em seu próximo livro, com lançamento previsto para maio de 2006, "Rio de Janeiro – 1840 a 1900 – uma crônica fotográfica", uma das jóias de sua coleção, será mostrada: uma panorâmica do Rio de Janeiro, em 360 graus, tirada de cima do Morro do Castelo. "É uma superimagem feita no século XIX, por volta de 1885, pelo fotógrafo Santos Moreira. Curioso é que ele não fazia fotos de paisagens, tinha um estúdio onde fazia retratos", conta orgulhoso.

Além dessa, os leitores contarão com surpresas como uma série de retratos produzidos em daguerreótipo pelo pintor e fotógrafo Luiz Buvelot, uma inédita da armada feita por Gutierrez, entre outras.

O economista nascido na China, filho de pais russos, e que chegou à cidade aos 4 anos, é verdadeiramente um carioca de adoção. E para compartilhar essa paixão pelas imagens e as histórias do Rio criou há dois anos uma editora, a Casa Editorial, que já tem em seu catálogo "Rio de Janeiro – 1900/1930 – uma crônica fotográfica", "O negro na fotografia brasileira

Avenida Epitácio Pessoa, na Lagoa

São Conrado



Portão no Morro do Castelo

Jardim Botânico

"Meu interesse se encerra em 1930, porque depois disso o Rio se verticalizou. Já existia a Avenida Central com seus pequenos prédios, a Avenida Atlântica, mas nada comparado ao que viria depois"

no século XIX" e no início do ano chega às livrarias "Duelo no Serpentário", uma antologia de polêmicas dos intelectuais brasileiros, de George Ermakoff e Alexei Bueno, que reúne Machado de Assis, José de Alencar, Rui Barbosa, Cassiano Ricardo, Pe. Joaquim de Campos, general Abreu Lima e muitos outros. "será o primeiro livro que faço que não é de fotografias, mas essas polêmicas descobri durante as pesquisas do livro do Negro, quando li sobre as eternas polêmicas que José do Patrocínio se envolvia".

Mas a verdadeira e eterna paixão continuam a ser as imagens do Rio até 1930, e Ermakoff explica porque: "Meu interesse se encerra nesse ano, por que depois disso o Rio se verticalizou. Já existia a Avenida Central com seus pequenos prédios, a Avenida Atlântica, mas nada comparado ao que viria depois". Pelo visto um caso de amor eterno.

a cidade vitrine do Brasil

Olavo Monteiro de Carvalho
Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro

Todas as raízes de minha família estão plantadas no Morro de Santa Teresa. Durante toda minha vida, tirando os oito anos em que vivi no exterior e quando me casei e pensei em morar em outro lugar, não consegui ficar longe de lá. Acabei construindo minha casa no mesmo terreno de minha família.

Tenho um grande amor por aquele bairro, onde me sinto muito integrado. E desde 1997, com o Instituto Marquês de Salamanca, dirigido por minha filha, Maria, desenvolvemos um trabalho social junto às famílias de baixa renda no bairro. Na Associação Comercial, um dos meus grandes sonhos é poder ajudar a coordenar os projetos dos governos estadual e municipal para transformar Santa Teresa em um grande pólo turístico para a cidade. Aliás, os primeiros passos já foram dados e espero que em 2006 esse projeto deslanche.

A história de minha família se confunde com a da cidade. Em 1924, a Monteiro Aranha construiu o prédio da Associação Comercial, mas o que deu fama à empresa foi a construção do Pavilhão da Academia Brasileira de Letras para a Exposição Internacional de 1925. Daí para frente vieram muitos outros prédios, como o da SulAmérica, por exemplo. Depois, como éramos bem relacionados no exterior, nossa casa passou a ser um tipo de embaixada informal. Recebíamos celebridades e autoridades estrangeiras em visita ao Brasil. A mais famosa foi a recepção que meus avós ofereceram ao conselho do Banco Mundial. Na minha geração, foi a visita de Michael Jackson.

Estudei no Santo Inácio. Era um bom jogador de futebol e um mau aluno. Mas consegui passar e me formar. Minha paixão pelo futebol e pelo Vasco, em especial, veio de meu pai, que morreu quando eu tinha 5 anos. Umas das poucas lembranças que guardo eram as bagunças que ele fazia no estádio e no vestiário do time.

Na juventude eu vivia muito em clubes. Nós tínhamos lancha e freqüentávamos o Iate Clube. As praias eram o Arpoador e Copacabana, em frente ao Copacabana Palace, onde eu fazia natação. Mas com 18 anos fui para a Alemanha, trabalhar na Volkswagen. Deixei o Rio de Janeiro com uma temperatura de 40º, depois de uma praia maravilhosa no Arpoador, e cheguei a Wolfsburg com cinco graus negativos. Foram dois anos duros.

O Rio é muito importante para o Brasil. Se a cidade não for bem, dificilmente o Brasil pode ir bem. No exterior a primeira coisa que procuram olhar é como está o Rio de Janeiro. O que acontece aqui tem um enorme reflexo. O Rio continua sendo a vitrine do país.

OS MELHORES RESULTADOS DAS AÇÕES DA VALE NEM SEMPRE ESTÃO NA BOLSA DE VALORES.

tantas ações da Vale tem uma que ajuda a garantir uma das maiores rentabilidades do mercado. A ação de desenvolvimento. As atividades da Companhia Vale o Doce criam oportunidades de desenvolvimento em mais de 450 comunidades de 14 estados brasileiros. A Vale é geradora de mais de 32.000 empregos s e responsável pela capacitação de seus empregados. Além disso, todos os seus projetos são desenvolvidos em total harmonia com o meio ambiente. A Vale entre as quatro maiores empresas da indústria de mineração e metais do mundo, com atuação em cinco continentes abastecendo o mercado com produtos ão origem a uma infinidade de objetos presentes no dia-a-dia de milhões de pessoas. A Vale é a maior operadora de serviços de logística do Brasil e a maior tora de minério de ferro e pelotas. É também uma das principais produtoras de manganês, ferroligas, bauxita, alumina, alumínio, potássio, caulim e cobre, faz dela uma empresa de mineração diversificada e global.

w.cvrd.com.br

Companhia Vale do Rio Doce

PENSOU NOVO, NOVA SCHIN.

BEBA COM MODERAÇÃO.

www.novaschin.com.br